

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA LUISA LARA LAFETÁ

**O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO POR ADULTOS A VIVÊNCIAS DE MEDIUNIDADE
NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

SÃO PAULO
2024

MARIA LUISA LARA LAFETÁ

**O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO POR ADULTOS A VIVÊNCIAS DE MEDIUNIDADE
NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para a graduação no
Curso de Psicologia sob orientação da
Profª. Dra. Miriam Raquel Wachholz
Strelhow.

SÃO PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, pelo suporte para o desenvolvimento deste trabalho. Por todas as palavras sábias, presença e vibrações que foram fonte de alento e carinho.

À minha mãe, por todo seu amor e orações, que me nutriram por todo o processo.

À minha irmã, por ser uma verdadeira amiga e companheira de vida.

À minha querida orientadora Profª. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow, a qual foi um fio condutor fundamental para toda a execução deste trabalho com sua organização, comprometimento e objetividade.

Ao Mateus Martinez, por ter me auxiliado ao longo desta jornada, compartilhando experiências e conhecimentos, enquanto me acolheu frente a proposta deste projeto.

À professora Flavia Hime, tanto pela postura didática e atenciosa durante à graduação, como também pela disposição em somar com conhecimentos avaliativos perante este trabalho.

Aos meus familiares, que torceram e vibraram por mim.

Aos meus amigos de graduação e de infância, que se fizeram presentes durante toda minha trajetória.

Ao Vitor Hugo, por ter sido uma fonte de compartilhamento e acolhimento.

A todos trabalhadores do Centro Espírita Auta de Souza e do Centro Espírita da Amizade, os quais tiveram um papel fundamental na minha vida, suscitando a proposta deste trabalho. Em especial, à querida Ana Maria Silva, a qual foi uma rede de apoio, suporte e carinho durante minha adolescência, e sem sua presença, este trabalho nunca teria sido idealizado. .

À professora Rita Rosa (in memoriam), a qual acreditou neste projeto e foi essencial para o seu posterior desenvolvimento.

A todos, que de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

“(...) Meninos na beira da estrada
Escrevem mensagens com lápis de luz
Serão mensageiros divinos
Com suas espadas douradas, azuis (...)"

Humberto Gessinger e Carlos Maltz

RESUMO

LAFETÁ, M. L. L. O significado atribuído por adultos a vivências de mediunidade na infância: uma análise a partir da Psicologia Analítica. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, FACHS-PUCSP, 2024.

Orientadora: Prof^a. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow

A vivência de experiências anômalas está presente dentro da sociedade brasileira. Algumas religiões trazem seus próprios significados para essas experiências a partir de suas crenças, como o espiritismo kardecista. Tal doutrina utiliza o termo mediunidade para denominá-las, compreendendo que através das EAs o sujeito estabelece intercâmbio com espíritos. Apesar de tal crença se demonstrar presente dentro do território brasileiro, a Psicologia não está cientificamente preparada para contemplar as demandas destes sujeitos em seus diversos campos de atuação, prevalecendo um afastamento da área em abarcar temáticas consideradas fronteiriças. A presente pesquisa caracterizou-se como um estudo qualitativo exploratório e teve como objetivo investigar como adultos que vivenciaram a mediunidade na infância significaram essas experiências. Como instrumento, utilizou-se a entrevista semiestruturada, realizando-as na modalidade online com três indivíduos. Para a discussão dos resultados, efetuou-se uma análise simbólica dos discursos e uma articulação com conceitos da Psicologia Analítica. Foi possível evidenciar que o contexto atuou como uma influência considerável na compreensão e significação dos fenômenos, e a rede de apoio familiar apareceu como elemento fundamental no acolhimento das demandas relacionadas à mediunidade no período infantil. Em relação aos fenômenos mediúnicos, os participantes relataram momentos de sofrimento e bem-estar, além de diversos crescimentos pessoais suscitados pelas experiências mediúnicas. Diante disso, a pesquisa contribuiu com conhecimentos que podem auxiliar psicólogos na compreensão dessas vivências.

Palavras-chave: Mediunidade infantil. Criança. Espiritismo. Psicologia Analítica.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 1.1 EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS | 7 |
| 1.2 EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E MEDIUNIDADE..... | 9 |
| 1.3 HISTÓRICO DA MEDIUNIDADE E PSICOLOGIA | 10 |
| 1.4 PSICOLOGIA ANALÍTICA E RELIGIOSIDADE | 12 |
| 1.5 A RELIGIÃO NO BRASIL..... | 17 |
| 1.6 DOUTRINA ESPÍRITA | 18 |
| 1.7 A MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA PARA O ESPIRITISMO | 21 |
| 1.8 A AÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE A RELIGIOSIDADE NÃO HEGEMÔNICA..... | 22 |
| 1.9 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO | 24 |
| 2 OBJETIVOS | 26 |
| 3 MÉTODO | 27 |
| 3.1 PARTICIPANTES | 27 |
| 3.2 INSTRUMENTOS | 28 |
| 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA | 29 |
| 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE..... | 29 |
| 3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS | 30 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 31 |
| 4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES | 31 |
| 4.2 HISTÓRIA DA MEDIUNIDADE DOS PARTICIPANTES..... | 32 |
| 4.3 ANÁLISE SIMBÓLICA DOS DADOS COLETADOS | 34 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 56 |
| REFERÊNCIAS | 60 |
| ANEXO 1 – ROTEIRO SEMIDIRIGIDO MARALDI 2011 | 64 |
| APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 66 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE | 66 |
| APÊNDICE B- ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA..... | 69 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes | 31 |
| Tabela 2 - Dados da experiência mediúnica dos participantes..... | 31 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco à maneira com que as experiências mediúnicas durante a infância são vivenciadas e significadas pelas pessoas em sua vida. No âmbito científico, essas vivências são, muitas vezes, denominadas de experiências anômalas (EAs) por retratarem algo que distoa das explicações e compreensões científicas da realidade em que estão inseridas. Diversas categorias são elencadas a partir dos aspectos gerais que caracterizam cada vivência anômala, como por exemplo experiências alucinatórias, experiências de vidas passadas, etc (Cardeña et.al, 2013). Frente a tais fenômenos, cada sujeito atribui um significado diferente a partir do seu próprio contexto e compreensão.

Algumas religiões tratam da temática dentro das suas práticas e crenças religiosas, conferindo entendimentos particulares a determinados eventos, como a umbanda e o espiritismo. Ambas entendem que as EAs tratariam de uma comunicação do médium com o plano espiritual, denominando tal experiência de mediunidade.

O presente estudo faz um resgate das experiências anômalas no âmbito científico, a fim de fornecer um embasamento teórico para a sua realização. Entendendo a presença que esses eventos já tiveram no âmbito da Psicologia em figuras como Freud e Jung, realizou-se uma leitura histórica de como o fenômeno mediúnico já fez parte dos estudos psicológicos. A presença da espiritualidade e do numinoso como elementos de relevância na Psicologia Analítica, permite que se trace um paralelo da temática com os estudos da área. Há importantes recomendações para a análise e ação do psicólogo que devem permear essas temáticas fronteiriças, às quais serão seguidas para a realização desta pesquisa.

1.1 Experiências anômalas

O termo “experiência anômala” (EA), apesar de cunhar a ideia de algo que não é recorrente, traz em seu significado outra perspectiva. A palavra “anômala” é derivada do grego *anomalos*, que denomina algo que contrasta com o que é comum, ou seja, é diferente, irregular. Nessa medida, ela é definida como:

(...) experiência incomum (ex.:sinesesia) ou que, embora seja vivenciada por uma quantidade considerável da população (ex.: experiências interpretadas comotelepáticas), acredita-se que se desviam da experiência comum ou das explicações da realidade que são comumente aceitas (Cardeña et al., 2013,

p.2).

Diante disso, a expressão não faz menção a uma não recorrência, mas sim a algo que destoa do que é comumente aceito na comunidade em que está inserido. Ainda assim, na atualidade, existe um forte interesse popular em tratar dessa temática, principalmente no que tange a experiências de quase morte, supostos fenômenos parapsicológicos e eventos místicos. Os sujeitos que as vivenciam costumam atribuir a elas significados fortes e relevantes. Apesar disso, a Psicologia tradicional tem negligenciado essa temática há muito tempo (Cardeña et al., 2013, p.2).

O livro “Variedades das Experiências Anômalas” (Cardeña et al., 2013) abarca evidências, análises e considerações fundamentais diante das possibilidades de manifestações das experiências anômalas. Para as finalidades que se seguem, vale a pena citar algumas que foram discutidas e definidas durante tal obra para dar alicerce ao que será posteriormente construído neste trabalho.

Inicialmente, vale citar as “experiências alucinatórias”, as quais se distinguem por serem vivenciadas no campo perceptivo, sem de fato ser evidenciado uma estimulação externa do órgão sensitivo correspondente (Bentall, 2013). O “sonhar lúcido”, corresponde a um sonhar em que o indivíduo está ciente de que o está fazendo (La Berge; Gackenbach, 2013). As “experiências fora do corpo” também se somam às EAs como vivências caracterizadas pela sensação de que o centro da consciência está localizado fora do corpo físico do sujeito. Nesses casos, as sensações variam entre flutuar, ver o seu próprio corpo físico ou viajar para locais distantes (Alvarado, 2013). Paralelamente, existem as “experiências relacionadas a Psi” (PREs, do inglês *psi-related experiences*) as quais possuem uma divisão maior de manifestações:

PREs incluem relatos de supostas experiências de telepatia (comunicação direta mente a mente), clarividência (conhecimento anômalo de eventos distantes), precognição (conhecimento do futuro, como sugerem os sonhos de Anna) ou psicocinesia (ação da mente sobre a matéria...) (Targ et al., 2013, p. 168).

Também é importante pensar nas “experiências de vidas passadas”, que se referem à impressão de ter sido uma pessoa específica e diferente da que é atualmente em alguma vida anterior (Mills; Lynn, 2013). Por último, vale citar as “experiências de quase morte”, as quais constituem eventos com uma gama de elementos transcendentais e místicos que garantem uma certa profundidade psicológica a essas vivências. Elas ocorrem quando o indivíduo está próximo da morte ou em um perigo de vida eminente, suscitando a experiência de algo que transcende o sujeito e ascende a uma ordem divina ou superior

(Greyson, 2013).

As experiências anômalas estão veemente presentes na sociedade brasileira. Machado (2009) realizou um estudo buscando identificar a prevalência das experiências anômalas extra-sensório-motoras no Brasil. Para tanto, utilizou uma amostra de conveniência, a qual, apesar de não ser generalizável, é capaz de sugerir sobre a prevalência de pessoas que já tiveram contato com as EAs na sociedade brasileira. Os dados coletados, demonstraram que 82,7% dos sujeitos indagados ($n = 306$) relataram já terem vivenciado, ao menos uma vez, alguma experiência anômala, o que não estava associado a crença ou postura religiosa. Torres (2016), por sua vez, vem somar ao levantamento de dados, reafirmando as estatísticas encontradas anteriormente. Ao investigar o contato com experiências anômalas extra-sensório-motoras em uma amostra de evangélicos ($n = 126$), 84,9% dos sujeitos disseram já ter passado por ao menos uma vivência.

Um estudo mais recente realizado por Rego (2022), constatou que 100% dos 231 respondentes de sua amostra de conveniência já haviam vivenciado alguma experiência anômala pelo menos uma vez. A amostra de seu estudo abarcou adultos residentes na região metropolitana da Grande São Luís (Rego, 2022). Diante disso, evidencia-se que a vivência de experiências anômalas é presente na sociedade brasileira, o que denota a relevância de se tratar da temática.

1.2 Experiências anômalas e mediunidade

De acordo com o que foi constatado na bibliografia científica, as experiências anômalas são interpretadas de maneira singular pelo indivíduo que as vivencia (Zangari; Machado, 2022). Nesse cenário, o fenômeno da mediunidade não é citado no livro de Cardeña et.al (2013) como sendo especificamente uma das variedades da experiência anômala. A terminologia é adotada dentro de algumas religiões para explicar determinados eventos que ocorrem dentro das práticas religiosas, variando conforme as próprias crenças do contexto religioso.

A diferença entre as experiências anômalas e a mediunidade é traçada quando se pensa na mediação, visto que a segunda considera o estabelecimento de um intercâmbio do sujeito com espíritos ou entidades espirituais (Maraldi et al., 2018). Nesse âmbito, algumas das experiências anômalas adquirem o nome de mediunidade dentro destes

contextos religiosos, em que interpretam a sua ocorrência pelo fato do sujeito estar estabelecendo intercâmbio com os denominados espíritos.

Alguns grupos religiosos se constituíram ao redor de determinadas experiências. Por exemplo, as experiências fora do corpo, que são uma das variedades de EAs, são uma das causas da constituição de “religiões paracientíficas”, as quais se organizaram para explicar determinados fenômenos. Com o desenvolvimento de seus conceitos, as práticas religiosas se dirigem a motivar a vivência dessa experiência fora do corpo, buscando técnicas para que ocorram (Zangari; Machado, 2022).

Outra maneira de se pensar na diferença entre as EAs e as experiências religiosas diz respeito à natureza da explicação para a ocorrência desses fenômenos, uma vez que a interpretação que o indivíduo faz, influencia na maneira com que estes serão categorizados. Por exemplo, caso o sujeito compreenda o fenômeno como “poderes da mente”, identifica-se uma explicação naturalista, atribuindo a ideia de que se trata de uma capacidade mental ainda não descoberta pela ciência. Em contrapartida, a interpretação das EAs a partir de uma experiência religiosa, dá outro contingente de valores a determinada situação. Dessa forma, uma mesma experiência pode ser interpretada a partir de uma ótica religiosa por um indivíduo, enquanto para outro, como anômalo ou até mesmo algo corriqueiro e sem importância (Zangari; Machado, 2022).

Este estudo pretende abarcar o significado atribuído por sujeitos que vivenciaram experiências anômalas na infância e a compreendem a partir de uma interpretação religiosa: a mediunidade. A proposta não é fazer a validação da existência real dessas interpretações, mas conseguir permear o processo de significação do sujeito. Pois, como sugerem Zangari e Machado (2022), independentemente da validade, as crenças utilizadas para explicá-las estão presentes.

Como cientistas interessados no comportamento religioso, percebemos que, mais do que afirmarmos ou negarmos a realidade do sobrenatural, devemos procurar compreender as raízes desse comportamento e suas consequências tanto pessoais quanto grupais, além de sua relação com o mundo da cultura em sentido mais amplo (Zangari; Machado, 2022, p.51).

1.3 Histórico da mediunidade e Psicologia

Na segunda metade do século XIX, o estudo sobre a mediunidade e os fenômenos espíritas chamou a atenção de várias personalidades. Casos denominados espíritas ou espiritualistas foram considerados intrigantes, fazendo com que alguns cientistas se

voltassem para esses eventos (Antonio; Guimarães, 2020).

Diante disso, o tema da mediunidade, apesar de ter estado latente no âmbito científico, já foi, por muito tempo, um forte foco de estudo dos principais autores da área da saúde mental. Figuras como Pierre Janet, William James, Frederic Myers, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, foram pessoas adeptas a buscar compreender estas vivências, entendendo que elas poderiam fornecer um arcabouço rico para adentrar e explorar a mente humana (Almeida; Lotufo Neto, 2004).

Apesar de serem terrenos germinados pelos referentes autores, não houve um fruto comum e definitivo a respeito dessas experiências. Janet e Freud consideraram as determinadas vivências como patológicas e resultado do inconsciente do sujeito, desconsiderando qualquer outra hipótese em questão (Almeida; Lotufo Neto 2004). Freud, particularmente, teve uma crescente preocupação em fazer um movimento de distanciamento de temas considerados fronteiriços, tendo em vista o seu medo de que a Psicologia pudesse retroceder nos avanços que já tinha feito rumo à sua validade e reconhecimento. Para tanto, se afastou da temática em questão (Martinez et al., 2019).

Em contrapartida, Myers deu um significado diferente. Ele colocou como possibilidade de que os fenômenos mediúnicos seriam um desenvolvimento superior da personalidade e suas manifestações teriam origem em elementos mistos, como no inconsciente pessoal, telepatia e comunicação de espíritos desencarnados (Almeida; Lotufo Neto, 2004).

Paralelamente, Jung e William James concluíram que a mediunidade não seria necessariamente algo patológico, ao contrário de Janet e Freud. As manifestações fluiriam do inconsciente do médium, sendo que não desconsideraram a possibilidade de influência de algum elemento paranormal. Todavia, eles afirmaram que havia necessidade de mais estudos nessa área (Almeida, Lotufo Neto, 2004).

Especificamente a Psicologia Analítica construída por Jung entende que as experiências anômalas e a numinosidade presente nelas são eventos permeados pela espiritualidade. Esta é importante na formação de um sentido e significado. Assim, Martinez (2019) descreve:

Contextos religiosos, sistemas de crenças e práticas religiosas sistematizadas, muitas vezes estimulam a ocorrência de experiências anômalas, oferecendo também, formas de se compreender, interpretar as experiências anômalas, e promover sentido aos indivíduos que as vivenciam. Assim, embora Jung não use diretamente o termo espiritualidade, tampouco experiências anômalas em seus escritos, aborda os fenômenos ao estudar a religião e a religiosidade humana, tomando como base as experiências, tanto suas como dos outros (p.107).

As diferenças entre as lentes, focos e compreensões do objeto de estudo ficam nítidas no meio científico. Martinez (2020) demonstra como o viés patologizante variou entre os poucos que se aventuraram a desbravar os fios e entrelaçamentos das experiências anômalas. Não há um consenso formado entre a literatura científica sobre a patologia ou não de determinadas vivências. O que se evidencia, são diferentes formas de interpretá-las, por vezes estudando todas as experiências anômalas, por outras afunilando o foco para as vivências mediúnicas, as quais também foram denominadas como “possessão espiritual” em muitos trabalhos (Martinez, 2020).

O presente estudo utilizará da Psicologia Analítica como alicerce teórico para analisar os resultados obtidos. Como Jung já se debruçou por certo período na análise e estudo desses fenômenos, se faz necessário uma retomada na compreensão que o autor deu aos eventos mediúnicos. Ainda, é importante compreender alguns aspectos da sua teoria, que auxiliarão a embasar a análise e discussão dos resultados que forem obtidos.

1.4 Psicologia analítica e religiosidade

O início do trabalho de Jung foi permeado pelo estudo dos fenômenos denominados ocultos. Ele nutriu uma curiosidade pelo estudo da mediunidade de sua prima Hélène Preiswerk, visando compreender psicologicamente aquela experiência (Jung, 2011 [1906]). O autor nasceu em uma família, cuja presença de eventos mediúnicos não eram raros. Paralelamente, o próprio Jung testemunhou a vivência de diferentes eventos psíquicos, assim como é visto na sua biografia (Antonio; Guimarães, 2020).

A partir desse contato com determinados eventos, Jung nutriu certa curiosidade pelo espiritismo, tendo em vista os fenômenos mediúnicos a ele relacionados. O teor pouco explorado desses episódios, fez com que ele se debruçasse por certo tempo no estudo desses eventos denominados espirituais (Antonio; Guimarães, 2020).

Jung no seu livro *Psicologia do Inconsciente* (2011 [1916]), ao fazer um comparativo entre os pensamentos de Freud e Adler sobre a energia psíquica, reconhece que a personalidade do autor ressoa nos destinos que são dados a sua própria obra. Da mesma forma, deve se reconhecer que a convivência de Jung com esses fenômenos denominados ocultos, refletiu em toda a posterior construção do seu pensamento. A Psicologia Analítica, faz um resgate da espiritualidade, entendendo-a como um fator essencial para o desenvolvimento psíquico. A busca do sujeito pelo numinoso, por algo que é coletivo e

universal e, ao mesmo tempo, singular, é uma perspectiva que passa a compor sua obra (Martinez et al., 2019).

Apesar de Jung ter reconhecido a necessidade de se estudar mais as experiências anômalas, ele deixa esse aprofundamento para segundo plano:

Longe estou de acreditar que com este trabalho tenha conseguido um resultado definitivo ou científicamente satisfatório. Meu esforço visou sobretudo a opinião superficial daqueles que dedicam aos fenômenos chamados ocultos nada mais que um sorriso de escárnio, e também teve como objetivo mostrar as várias conexões que existem entre esses fenômenos e o campo experimental do médico e da psicologia e, finalmente, apontar para as diversas questões de peso que este campo inexplorado ainda nos reserva (2011 [1906], p. 103, par. 150).

A compreensão que ele traz a respeito dessas vivências, é de que seria uma função endopsíquica denominada invasão, a qual está associada a autonomia dos complexos. Tal fato é exposto por Jung (2022 [1935], p. 33, par. 43) da seguinte forma:

O quarto fator endopsíquico importante é o que eu denomino *invasão*, quando o lado obscuro, o inconsciente, tem domínio completo e pode irromper na consciência. Então o controle consciente está totalmente debilitado. Tais momentos não devem necessariamente serem classificados como patológicos, a não ser no velho sentido da palavra, quando patologia significava a ciência das paixões. Na verdade essa é apenas uma condição extraordinária em que o indivíduo é tomado pelo inconsciente, podendo-se então esperar dele coisas mais inabituais.

Para a compreensão dessa consideração de Jung, é fundamental estar ciente de alguns conceitos fundamentais da Psicologia Analítica, a qual fora originada por ele. Segundo essa vertente, todo ser humano nasce com o inconsciente coletivo, o qual é inato e universal. É composto pelos instintos, que são caracterizados por serem potenciais de desenvolvimento biológico, como, por exemplo, o instinto da sexualidade e alimentação. Ainda, possui os arquétipos, os quais são definidos pelo autor como potenciais de desenvolvimento psíquico. Eles são sedimentos de experiências de mesmo tema vivenciadas repetidamente pela humanidade ao longo dos anos, como a maternidade, paternidade, fraternidade. Assim, esses sedimentos estão na psique como possibilidade de desenvolvimento, para que possam ser representados pelo sujeito a partir das próprias situações da sua vida. As representações dos arquétipos são as denominadas imagens arquetípicas, as quais podem ir tanto pela via positiva ou negativa diante das próprias vivências do sujeito (Stein, 2006).

É somente partindo-se do inconsciente coletivo, que se pode considerar o surgimento de outros conceitos importantes na obra de Jung. Conforme Neumann (1995, p.10):

Qualquer discussão que se coloque na perspectiva da Psicologia Analítica a

respeito do desenvolvimento da personalidade e, de modo especial, da personalidade da criança — deve começar assumindo o fato de que o que vem primeiro é o inconsciente, e que só depois é que surge a consciência. A personalidade como um todo e o seu centro diretor, o Self, existem antes de o ego tomar forma e desenvolver-se como centro da consciência; as leis que regem o desenvolvimento do ego e da consciência estão subordinadas ao inconsciente e à personalidade como um todo, que é representado pelo Self.

A consciência então surge em detrimento do inconsciente e do Self, os quais são iniciais na mente humana (Neumann, 1995). Ela se caracteriza pela capacidade que o ser humano tem de estar atento e desperto, percebendo e registrando a realidade à sua volta. Diante disso, evidencia-se que desde o ventre materno, o bebê é capaz de registrar sons, reagir a vozes e a músicas, denotando a existência de certo nível de receptividade. Desse modo, mesmo sem saber exatamente quando se dá o início da consciência, sabe-se que ela já se faz presente no período pré-natal (Stein, 2006).

Paralelamente, deve-se considerar o que Jung escreveu sobre o ego, o assim denominado centro da consciência. Ele é definido pelo autor como:

Entendemos por 'eu' aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o eu é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa (Jung, 2008 [1954], p.13)

A partir de tais conceitos perante a lente da Psicologia Analítica, compreende-se que a criança já nasce de porte de um centro da consciência, ou seja, ele é inato. O eu resulta, em primeiro lugar, de um entrechoque da questão somática com o mundo exterior. Esse ego primordial será desenvolvido durante toda a vida, mas, no período da infância, ele tem acentuado desenvolvimento a partir das colisões que a criança tem com a realidade tanto exterior como interior (Jung [1954], 2008).

Nos primeiros anos de vida, o ego da criança começa a se desenvolver, crescer e adquirir unidade, de tal forma que se pode pensar em um ego mais ou menos estruturado. Neste estágio pré-ego da primeira infância, não há uma relação com o mundo entendendo o parâmetro sujeito-objeto. Apenas com o processo de desenvolvimento do ego é que a criança começará a ter noção da sua própria imagem corporal, conseguindo referir a si mesma de forma consciente e reflexiva. A realidade, então, vai se conformando cada vez mais como um objeto em confronto com o ego (Neumann, 1995).

O inconsciente pessoal, da mesma forma, também vai sendo adquirido e constituído a partir da experiência de vida do sujeito, ou seja, não é inato. Ele possui três tipos de conteúdo. Os conteúdos subliminares são aqueles que estão registrados no inconsciente pessoal, mas não existe uma defesa reprimindo eles, apenas não houve uma atenção e

avaliação do ego sobre aquilo que entramos em contato. Há também os conteúdos esquecidos, os quais um dia já tiveram energia psíquica suficiente para permearem a consciência, mas no decorrer da vida do sujeito, foram perdendo a carga energética e foram enviados para o inconsciente pessoal. Por último, há os conteúdos reprimidos, os quais, ao contrário dos outros, existe uma dificuldade de serem trazidos à consciência. Isso ocorre, porque há uma defesa egóica em relação a esses conteúdos, os quais foram reprimidos por exemplo, por uma dissonância cognitiva ou afetiva (Stein, 2006).

Os complexos estão no inconsciente pessoal, compondo os conteúdos reprimidos. O núcleo do complexo é formado por uma imagem arquetípica e uma primeira vivência de intensa carga afetiva. A partir disso, qualquer vivência sucessora na vida do sujeito que estiver atrelada a mesma temática do núcleo desse complexo, irá gerar resquícios, aspectos que não foram para a consciência, os quais irão gravitar ao redor deste núcleo no inconsciente pessoal (Stein, 2006).

Nesse âmbito, Jung (2022 [1935], p. 84, par. 148) resume:

Um complexo é um aglomerado de associações – espécie de quadro de natureza psicológica mais ou menos complicada – às vezes de caráter traumático, outras, apenas doloroso e altamente acentuado.

Os complexos tratam então, de assuntos importantes. Eles possuem energia própria, podendo perturbar a consciência e promover reações fisiológicas:

O complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele. Comporta-se enfim, como uma personalidade parcial. Quando se quer dizer ou fazer alguma coisa e, desgraçadamente, um complexo intervém na intenção inicial, acaba-se dizendo ou fazendo a coisa totalmente oposta ao que se queria de início (Jung, 2022 [1935], p. 84, par. 149)

Para Jung, os fenômenos denominados ocultos são explicados a partir da premissa recém apresentada. Conforme fora tratado anteriormente, os complexos possuem energia suficiente para assumirem o controle da consciência, caso sejam devidamente perturbados e energizados. Diante disso, as experiências de mediunidade foram justificadas por Jung como invasões desses complexos do médium, os quais são projetados e personificados (Jung, 2011 [1906]).

O fundador da Psicologia Analítica também destina parte da sua obra para exaltar a importância dos símbolos para a psique humana. Eles se desvelam de uma junção entre conteúdos conscientes e inconscientes, os quais surgem em detrimento de uma tensão existente na psique, pela ação da função transcendente. Esta última está atrelada à

capacidade que a psique tem de se autorregular a partir de mecanismos compensatórios, visto que o ego, defronte as demandas do meio, costuma assumir uma unilateralidade que vai de encontro ao processo de individuação (Jung, 2011 [1916]).

Jung, em sua obra, postula que todo ser humano nasce com um potencial inerente de se tornar o Si-mesmo. Na primeira metade da vida, o ego necessita se adaptar às demandas da vida exterior e vai assumindo uma polaridade, e o seu oposto vai compondo os conteúdos inconscientes que não são olhados pela consciência. Durante a segunda metade da vida, a energia psíquica, a qual antes era destinada para atingir os objetivos externos, passa a realizar um movimento de retorno ao interior. Neste momento, o indivíduo inicia um processo reflexivo, o qual permeia a revisitação de seus valores, para então reconhecer os seus opostos. A integração destes conteúdos inconscientes, quando são realizados funcionalmente, direcionam o sujeito para dar passos rumo ao seu processo de individuação (tornar-se o Si-mesmo). Durante toda a vida, a unilateralidade da psique é compensada pelos símbolos, os quais possuem a capacidade de regular a psique por trazer à consciência, os conteúdos inconscientes (Jung, 2011 [1916]). Eles podem aparecer, por exemplo, em sonhos, os quais Jung considera serem uma fonte rica de conteúdos simbólicos (Jung, 2016 [1964]).

Nesse âmbito, a própria Psicologia Analítica ainda amplia seu discurso para dar atenção a um lado humano que estava há muito tempo sendo deixado de lado. Ao contrário do que é incentivado nas sociedades modernas, o excesso de racionalidade é problematizado por essa vertente, visto que acaba culminando na energização de todos os conteúdos irracionais que estão sendo reprimidos. Isso deixa a consciência refém desses elementos, o que se torna muito perigoso (Jung, 2011 [1916]).

Desse modo, a espiritualidade acaba sendo algo valorizado pela Psicologia Analítica. Em seus estudos, Jung compreendeu que a busca por um sentido de existir, se constitui como um potencial arquetípico inerente ao homem. Diante disso, ele traça que a espiritualidade não está diretamente associada aos dogmas religiosos, mas a uma busca transcendental deste sentido da vida, atrelado a uma dimensão espiritual (Jung, 2013 [1934]). Tal valorização, então, não é dada no mesmo patamar das instituições religiosas, visto que se trata muito mais de um reconhecimento sobre a importância que ela tem no desenvolvimento psíquico.

Jung, em sua obra Psicologia da Religião, desdobra considerações sobre o termo numinoso, o qual ele usa para amparar as compreensões consernentes à experiência com

o transcendente (Jung, 2011 [1938]). Ele se ancora na designação do termo fornecida por Rudolf Otto¹, o qual comprehende que o numinoso se trata de “uma existência ou efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário” (Jung, 2011 [1938], p.19). Nesse sentido, para Jung, o numinoso está inerente à própria constituição do sujeito, independendo, portanto, da sua vontade. O efeito do numinoso ocasiona uma transformação relevante na consciência do indivíduo e algumas práticas religiosas podem produzir tal experiência numinosa. Todavia, o numinoso não se restringe a estes contextos, uma vez que os precedem e estão relacionados a própria constituição do indivíduo (Jung, 2011 [1938]).

Nesse âmbito, a valoração do elemento transcendente e espiritual realizada pela Psicologia Analítica se ampara na própria busca pelo numinoso de forma singular, mas ao mesmo tempo coletiva e universal que se torna extremamente importante no encontro consigo mesmo (Martinez, 2019).

De acordo com Martinez (2019):

Nessa acepção, a espiritualidade promove a saúde quando atua como fonte para a modificação da atitude consciente, decorrente das manifestações simbólicas do inconsciente. Quando isso ocorre, a consciência se amplia e mais potenciais de cura, advindos das próprias feridas, estarão à disposição da pessoa em seu processo de individuação. Ao fornecer sentido para enfrentar as adversidades, a espiritualidade auxilia na orientação frente às questões da vida, possibilitando a construção de uma cosmovisão tanto coletiva e ancestral, quanto individual (p.107).

Diante disso, a religião pode ou não proporcionar o contato com a espiritualidade, a depender da experiência particular do sujeito. Caso ela não provoque a inibição da vida, a vivência religiosa pode-se tornar um elemento vitalizador, fornecendo sentido para períodos de crises existenciais (Monteiro, 2006). Nesse cenário, é relevante traçar um paralelo com a população brasileira, a qual é circundada pela presença de práticas religiosas. Para tanto, entender como elas estão presentes no Brasil se torna um aspecto importante.

1.5 A religião no Brasil

De acordo com os dados disponíveis no censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, existem aproximadamente 15,3 milhões de pessoas sem religião, o que corresponde à cerca de 8% da população do país em tal ano. Em 2000, elas correspondiam a 7,3% dos habitantes, o que evidencia um crescimento das pessoas sem religião. Mesmo assim, o Brasil ainda se apresenta como um país permeado

¹ Otto, R. *Das Heilige*. Breslau: [s.e.], 1917.

pela presença das religiões, visto que os outros 92% da população estão subdivididos entre diversas crenças e práticas religiosas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

O censo de 2010 mostrou que a maioria das pessoas está estatisticamente concentrada entre a religião católica apostólica romana e evangélicas. Em terceiro lugar estavam aqueles que seguiam o espiritismo, com aproximadamente 3,8 milhões de pessoas (2,02%) e em quarto lugar, umbanda e candomblé, com cerca de 588 mil (0,3%) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Entre estas, a umbanda e o espiritismo, são as duas consideradas mediúnicas, ou seja, que traz a mediunidade como parte frequente das suas crenças e práticas (Arribas, 2008). Para as finalidades deste trabalho, que envolve a forma com que o adulto que vivenciou a mediunidade na infância significou as suas vivências, cabe dar foco para uma das duas religiões, entendendo que os símbolos e significados possuem a influência da crença da pessoa. Averiguando uma maior facilidade no acesso da pesquisadora a pessoas que vivenciaram a mediunidade infantil e a compreendem pela ótica do espiritismo, o presente estudo terá como participantes pessoas que seguem a doutrina espírita kardecista.

1.6 Doutrina espírita

A doutrina espírita foi fundada na França por Allan Kardec no final do século XIX, a partir da codificação de cinco obras básicas que vieram compor a fundamentação da teoria espírita. Em seu alicerce, a doutrina se propõe a ser uma mistura entre filosofia, ciência e religião, apesar de que cada faceta acabou assumindo mais a frente em algum momento. Isso ocorreu devido às dissidências entre os grupos seguidores da doutrina assim que ela chegou ao Brasil (Arribas, 2008).

O movimento espírita brasileiro começou a se unificar em 1884 com a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), a qual foi capaz de dar coesão e unidade ao espiritismo no Brasil (Arribas, 2008). A partir disso, as práticas dos centros espíritas começaram a se padronizar, contemplando, por exemplo, os passes magnéticos, fluidificação da água, desobsessão e atendimento fraternal (Lewgoy, 2008).

Para os espíritas, a reencarnação é peça fundamental da justiça divina e junto com ela, vem a imortalidade da alma (Arribas, 2008). Sobre ela:

A questão da reencarnação é outro elemento de grande importância dentro da doutrina. Na concepção espírita, a reencarnação tem o papel de auxiliar no

processo evolutivo, pois seria através de cada reencarnação, a qual contém a provação de uma nova existência, que o espírito alcançaria esse novo patamar (p.36).

O processo evolutivo é entendido como algo vivenciado pelo espírito, o qual inicia em um estágio primitivo até alcançar um estágio próximo de Deus. Nesse âmbito, o ser humano, que possui o livre-arbítrio, vai passando pelas múltiplas existências e tomando escolhas a partir da sua conduta moral, o que vai definindo o seu direcionamento na escala evolutiva. Paralelamente às decisões tomadas pelo sujeito, estão as consequências de suas escolhas, as quais são amparadas na “Lei de ação e reação” (Leite, 2016).

Outro princípio fundamental da doutrina é a caridade fraterna. Ela é essencial no trabalho desenvolvido nos centros espíritas e há o incentivo para que ela componha a atitude dos frequentadores, seja trabalhando para ajudar os necessitados “encarnados”, seja doutrinando e amparando os espíritos sofredores (Arribas, 2008).

Para o espiritismo, a mediunidade é uma faculdade presente em todos seres humanos, sendo que alguns podem desenvolvê-la espontaneamente e outros não. Ela pode se expressar de diferentes formas conforme listado por Leite (2016):

A mediunidade, por sua vez, pode ser manifestada de diversas maneiras, dessa forma temos desde médiuns: de efeito físico, sensitivos, auditivos, videntes, psifônicos, psicográficos, de cura, mecânicos, intuitivos, semimecânicos e inspirados (p.39).

Tendo em vista os objetivos desse trabalho, faz-se necessário destrinchar quais características envolvem cada mediunidade dentro da doutrina espírita. Esta compreensão permite abranger elementos úteis para a realização prática do estudo, especialmente a análise das entrevistas propostas.

O livro dos médiuns consiste em uma obra do francês Leon Hippolite Denizard Rivail, o qual adotou o pseudônimo de Allan Kardec. De acordo com a crença espírita, o livro foi uma obra psicofrada, ou seja, escrita por espíritos pela intermediação mediúnica de Allan Kardec. Conforme a própria descrição de Kardec, ele consiste em um guia indispensável para as manifestações e comunicações espirituais, no qual estão as informações sobre a prática mediúnica praticada pelos espíritas (Kardec, 2016 [1861]).

A mediunidade é definida por Kardec (2016 [1861]) como:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, é, por esse facto, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. [...] Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns (p. 153).

Entre as expressões dessa faculdade, o livro traz algumas variações e caracterizações a respeito (Kardec, 2016 [1861]):

- a) Médiuns de efeito físico: são todos aqueles que possuem a capacidade de produzir fenômenos materiais. Por exemplo, movimentos de corpos inertes e barulhos. Tal mediunidade pode ser tanto facultativa – indivíduo tem consciência da sua mediunidade e realiza as ações por vontade própria -, como também involuntária – as ações são realizadas sem que os médiuns tenham consciência delas.
- b) Médiuns sensitivos ou impressionáveis: aqueles que possuem a suscetibilidade para sentir a presença de espíritos, seja por uma impressão, seja por um arrepião. Ela não é bem definida, visto que é uma faculdade necessária para que todas as outras mediunidades sejam desenvolvidas, por isso, todos os médiuns são necessariamente sensitivos. O desenvolvimento dela pode culminar na habilidade de conseguir reconhecer claramente a natureza boa ou má do espírito que está próximo e até mesmo a sua individualidade.
- c) Médiuns auditivos: são assim denominados todos aqueles que conseguem ouvir a voz de espíritos. Pode se manifestar tanto pela presença de uma voz interior, que se faz presente no foro íntimo, como também por uma voz clara e externa.
- d) Médiuns falantes: aqueles que emprestam seus órgãos da palavra para um espírito que quer se comunicar. Muitas vezes, o médium fala sem ter a consciência do que diz e com expressões que não lhe são habituais. Raramente, se tem lembrança do que foi dito durante a expressão da mediunidade.
- e) Médiuns videntes: são aqueles que conseguem ver os espíritos. Existem médiuns que conseguem ver os espíritos apenas quando são evocados. Entretanto, há também aqueles que essa faculdade é geral, vendo toda a população de espíritos presente no local.
- f) Médiuns sonambúlicos: é uma variedade da mediunidade, sendo que seu diferencial é que a ação do médium é realizada pela influência do seu próprio espírito.
- g) Médiuns curadores: são assim designados todos aqueles que possuem o dom de curar. Podem fazer isso pelo contato, olhar ou pelo gesto, sem utilizar nenhuma medicação.

- h) Médiuns pneumatógrafos: denominados todos os médiuns que conseguem ter a escrita direta, sendo esta bastante rara.

A faculdade mediúnica, para o espiritismo, traz consigo grandes responsabilidades, necessitando de um constante processo de instrução e estudo. Todos os médiuns, sejam estes experientes ou não, estão sujeitos à sofrerem processos de obsessão. Para a doutrina, a terminologia se refere ao domínio e influência que alguns espíritos podem exercer sobre determinados indivíduos. Apenas o realizam, os espíritos mal intencionados, os quais acabam se conectando com médiuns pelos quais possuem simpatia e podem gerar influências constrangedoras e conturbadoras (Kardec, 2016 [1861]).

Diante de tais considerações, demonstra-se necessário compreender como essa doutrina entende a faculdade mediúnica no período da infância, tendo em vista os objetivos traçados por esta pesquisa.

1.7 A mediunidade na infância para o espiritismo

O Livro dos Médiuns de Allan Kardec (2016 [1861]) traz alguns conceitos fundamentais para a compreensão das vivências da mediunidade na infância perante a ótica do espiritismo. Para os espíritas, a mediunidade pode ser desenvolvida tanto de forma espontânea, como também de forma excitada ou provocada. Na fase infantil, a recomendação dada é de que não se provoque ou excite a mediunidade, visto que os organismos da criança ainda são frágeis e delicados e a mente ainda é exposta à inexperiência. Por isso, é tomado como imprescindível se ter bastante cautela (Kardec, 2016 [1861]).

Por outro lado, é descrito que não há problemas naquelas crianças em que a mediunidade se desenvolveu de forma natural, uma vez que diz respeito a algo da sua própria constituição física. Nesse cenário, é feito o apontamento de que aquela criança que consegue ver espíritos muitas vezes tem isso como algo natural. Apesar disso, elas também estão expostas à ação de espíritos enganadores (termo usado na doutrina para designar espíritos sofredores que podem influenciar ações de natureza ruim), o que pode deixar as mentes jovens expostas pela sua inexperiência (Kardec, 2016 [1861]).

Diante disso, é ressaltado a importância de que a criança com faculdades mediúnicas seja aconselhada a exercê-la apenas sob a orientação de pessoas experientes. O intuito é que ela reconheça a importância da sua mediunidade e saiba ter respeito pelas

almas com as quais tiver contato (Kardec, 2016 [1861]).

Para o espiritismo, a mediunidade não tem idade certa para ser desenvolvida, uma vez que muitas vezes ela surge de forma espontânea. A prática da mediunidade está associada ao desenvolvimento físico e moral do indivíduo, sendo que se pode verificar a existência de crianças e jovens mais aptos do que os próprios adultos (Kardec, 2016 [1861]).

1.8 A ação do psicólogo frente a religiosidade não hegemônica

O psicólogo durante sua prática deve atribuir a neutralidade religiosa frente às pessoas com as quais trabalha, não deixando que suas próprias crenças influenciem em suas ações. Todavia, a diversidade religiosa está presente na sociedade brasileira, bem como pessoas que vivenciam a mediunidade. Nesse cenário, elas ocupam os diversos espaços sociais nos quais o psicólogo está inserido, incluindo os consultórios, para os quais trazem consigo suas crenças e religiosidades, que devem ser consideradas.

A supremacia de determinadas religiões na sociedade, subjaz outras que trazem consigo crenças diferentes. O ideal por trás se desvela no entendimento de tais religiões como supersticiosas ou iludidas, deslegitimando o que determinadas pessoas acreditam. O afastamento da Psicologia dessas temáticas consideradas fronteiriças, apenas contribui para a manutenção e replicação de tais considerações, o que está no segmento oposto de uma prática psicológica engajada com a diversidade cultural e étnica (Bairrão, 2016).

Ao contrário do que se evidencia, o psicólogo deve se fazer presente nesses embates e não se silenciar frente a tais diversidades. Não cabe a este profissional validar ou desvalidar a crença de um sujeito ou a existência de algo transcendente. Menos ainda, deveria este converter alguém sobre qualquer questão religiosa. Mas, comprometido com a pluralidade religiosa e as incidências que isso promove na vida de um indivíduo, o psicólogo e a comunidade científica devem dar espaço e atenção para o que está sendo expresso nas narrativas espirituais e religiosas e como isto situa a pessoa em sua vida. Nesse âmbito, promover estudos no panorama das religiões não hegemônicas é essencial para o comprometimento de uma Psicologia realmente sensível à diversidade cultural, social e histórica presente no território brasileiro (Bairrão, 2016).

No cenário dos estudos a respeito da mediunidade, a comunidade científica usualmente atribui um viés patologizante a tais fenômenos. Existe uma visão

preconceituosa histórica das comunidades médicas e científicas a respeito dessa temática. A investigação desses eventos por parte das Ciências Sociais abriu espaço para a investigação da mediunidade a partir do próprio contexto social do indivíduo. Assim, hoje se tem uma abertura maior para o desenvolvimento de estudos psicossociais sobre como tal fenômeno pode impactar a saúde da pessoa, bem como a cultura e a sociedade. É com este panorama que essa pesquisa visa trabalhar (Maraldi; Zangari, 2016).

A Psicologia então, deve se situar em um panorama que não desconsidera a diversidade religiosa e ao mesmo tempo mantém o respeito com as crenças do paciente e do próprio psicólogo. Em comprometimento com a Declaração Universal de Direitos Humanos, a laicidade e a ação da Psicologia, Zangari e Machado (2016) propuseram os dez mandamentos da exclusão metodológica do transcendente para orientar a atuação profissional nos diferentes contextos. Entende-se que essas orientações devem ser consideradas também na elaboração de pesquisas dentro dessas temáticas, por isso serão apresentadas a seguir:

1. Não afirmarás a existência do transcendente;
2. Não afirmarás a inexistência do transcendente;
3. Compreenderás que não afirmar a existência ou inexistência do transcendente não significa que o transcendente inexista;
4. Não praticarás uma Psicologia da religião religiosa;
5. Não praticarás uma Psicologia da religião irreligiosa;
6. Respeitarás a crença ou a descrença religiosa de teu cliente;
7. Não praticarás religião, esoterismo ou pseudociência em teu consultório;
8. Compreenderás o discurso religioso de teu paciente a partir do referencial de tua teoria psicológica de referência;
9. Respeitarás suas próprias crenças e descrenças religiosas;
10. Apesar de todo esse esforço, reconhecerás a impossibilidade de exercitar a plena e utópica neutralidade científica.

As afirmações expostas acima corroboram para o trabalho de uma Psicologia em conformidade com a realidade e diversidade brasileira. Assim como o paciente, o psicólogo possui suas próprias crenças. Todavia, deve haver o comprometimento em manter a distância de suas práticas religiosas frente ao trabalho psicológico que é exercido.

1.9 Justificativa do estudo

A mediunidade é vivida de maneira muito particular por cada indivíduo. Ao mesmo tempo que ela pode proporcionar sentido para a vida de uma pessoa, ela pode ser promotora de sofrimento. Diante disso, existem diversas variáveis que são responsáveis por tornar única a vivência dessas experiências, como, por exemplo, o contexto em que o sujeito está inserido (Martinez, 2020).

Uma significativa parte da bibliografia sobre mediunidade, especialmente na infância, atribui um viés patologizante para essas vivências (Martinez, 2020). Todavia, muitas pessoas não a entendem dessa maneira, atribuindo significados envolvidos com suas práticas e crenças religiosas, como na umbanda, candomblé e doutrina espírita kárdeca.

A Psicologia Analítica, desde os primórdios, considerou a espiritualidade como um aspecto relevante na busca do autoconhecimento e no processo de individuação. Tendo isso em vista, a ausência de estudos no cenário da mediunidade infantil, principalmente diante das crenças religiosas, acaba entrando em choque com aquilo que está no âmago da sua teoria.

Os recursos científicos brasileiros a respeito da mediunidade infantil ainda são muito escassos, principalmente no que tange à Psicologia (Martinez, 2020). Ainda assim, a população que vivencia as experiências anômalas se demonstra presente no Brasil, mesmo afunilando para o período infantil.

Na pesquisa de Menezes Jr *et al.* (2012), a amostra de pessoas pesquisadas, que correspondia a indivíduos que buscaram auxílio em um centro espírita, 65% delas disseram que as experiências anômalas que vivenciavam tiveram início durante a infância. Apesar disso, ainda há uma escassez científica considerável nesse cenário, sendo o mestrado de Martinez (2020) o estudo mais abrangente na literatura brasileira.

Diante disso, a presente pesquisa se soma à busca por uma Psicologia cada vez mais plural e que tenta acolher aspectos até então insondados a respeito da psique. Nesse âmbito, entende-se que estando essas pessoas presentes na sociedade, o psicólogo deve estar apto para recebê-las e entender o significado trazido à essa experiência.

Esse estudo se compromete a trazer o processo de significação, as dificuldades, os sofrimentos e crescimentos pessoais que foram vivenciados por adultos que passaram pela mediunidade durante o período da infância. O psicólogo necessita dispor de um alicerce científico para conseguir separar as vivências patológicas daquelas não patológicas. Ao

mesmo tempo, se instruir sobre como proporcionar um ambiente seguro, onde essas pessoas, independentemente da idade, possam expor as suas experiências e os significados que atribuem a elas com um profissional disposto a acolhê-las e compreender suas vivências.

O impacto que a mediunidade exerce na vida de quem a vivência é relevante. Para tanto, demonstra-se a substancialidade desse projeto que tenta somar aos conhecimentos científicos, diante da necessidade de amparar o trabalho do psicólogo frente às demandas das pessoas que acreditam e vivenciam a mediunidade, entendendo aquilo que pode afetar o seu desenvolvimento e os sentimentos dela a respeito disso.

Portanto, frente à escassez bibliográfica, o presente estudo busca contribuir para a compreensão da temática, a fim de ampliar o arcabouço empírico. Além disso, visa investigar algumas lacunas que podem fornecer subsídios para que futuras pesquisas sejam realizadas.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa, consiste na investigação de como adultos que vivenciaram a mediunidade durante a infância significam suas vivências até os dias atuais, tendo em vista os possíveis atravessamentos que podem ter sido suscitados.

Nesse âmbito, como objetivos específicos se buscou compreender:

- a) em qual contexto a mediunidade foi vivenciada;
- b) o significado dado à experiência mediúnica;
- c) a forma com que a mediunidade foi recebida por ela e seu meio social;
- d) a rede de apoio que a pessoa teve para significar a sua experiência e vivenciar o processo;
- e) as situações de sofrimento e bem-estar relacionadas à experiência.

3 MÉTODO

O estudo foi realizado através do método qualitativo para abordar a temática e tratar dos objetivos que esse projeto se propõe. Mais especificamente o presente estudo caracteriza-se por um caráter exploratório realizado por meio de entrevistas semiestruturadas. Essa escolha se ampara no fato de que a Psicologia Analítica realiza uma aproximação com um método mais compreensivo e subjetivo, típico da metodologia qualitativa (Penna, 2003). Durante seus estudos, Jung se identificou em muitos aspectos com a filosofia de Kant e dos filósofos românticos alemães. Isso gerou uma crítica de Jung ao modelo científico que defendia a possibilidade de construir um conhecimento totalmente objetivo. Nesse âmbito, a Psicologia Analítica se associa muito mais com a produção científica a partir da metodologia qualitativa, a qual segundo Penna (2005)

(...) caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. Do princípio da relatividade, da complementaridade e da incerteza deriva uma concepção de verdade relativa e temporária. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação (p.80).

Dessa maneira, o pesquisador não é neutro diante do estudo, mas precisa estabelecer uma coerência epistemológica com o que está sendo construído. Para tanto, precisa manter uma atitude crítica e ética, ao mesmo tempo que estende sua análise frente ao fenômeno para algo que vai além de uma descrição, mas sim à uma compreensão e interpretação da realidade (Penna, 2005).

Diante disso, o objetivo da pesquisa não se trata de proporcionar uma generalização dos resultados, mas angariar uma visão ampla do tema e complexificar a percepção a respeito dele, a fim de realizar uma aproximação inicial.

3.1 Participantes

A investigação foi realizada com três adultos, que serão nomeados aqui como Igor, Lara e Dona Elci. Os três vivenciaram a experiência de mediunidade durante a infância (até 12 anos). A amostra foi não probabilística e intencional, visto que os participantes foram convidados a partir do contato da pesquisadora com algumas pessoas que frequentam

centros espíritas kárdecastas. Todavia, se deu prioridade a voluntários que não possuíam proximidade com a entrevistadora, a fim de se manter o rigor e ética científicas.

Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa, foram:

- a) ter vivenciado a mediunidade até os 12 anos de idade (podendo ter vivenciado a mediunidade também em outras fases da vida além da infância);
- b) possuir idade igual ou superior a 18 anos;
- c) aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

3.2 Instrumentos

Foi realizada uma entrevista semiestruturada. A escolha desse instrumento se ampara na possibilidade de estabelecer um roteiro flexível. Desse modo, os participantes podem discorrer subjetivamente e a pesquisadora consegue alterar as perguntas durante a entrevista caso considere necessário frente ao foco do estudo. Tal aspecto é relevante para a construção de um estudo com abordagem qualitativa, visto que permite o enriquecimento dos dados coletados (De Castro; De Oliveira, 2022).

A primeira parte da entrevista foi destinada a coleta de dados sociodemográficos como: nome, idade, gênero, religião, estado civil, escolaridade, profissão e cidade de residência. Depois, foram realizadas perguntas pertinentes aos objetivos propostos pela pesquisa.

Maraldi (2011) desenvolveu um roteiro semidirigido com a finalidade de realizar entrevistas com pessoas espíritas (maiores de 18 anos) que vivenciavam a mediunidade rotineiramente. O objetivo geral era investigar os sentidos que as crenças e experiências paronormais suscitarão na formação da identidade desses adultos (Maraldi, 2011). De forma similar, esta pesquisa buscou identificar os significados atribuídos à experiência mediúnica para a vida do sujeito que a vivenciou. Um dos diferenciais é que, no presente estudo, é relevante que a mediunidade tenha ocorrido na infância, podendo ou não ter se estendido para outros momentos da vida.

Diante disso, a presente pesquisa utilizou como alicerce o roteiro semidirigido elaborado por Maraldi (2011), apresentado no Anexo 1. O roteiro foi alterado para conseguir abranger os objetivos específicos deste trabalho, bem como a amostra estabelecida. Para tanto, foi realizada uma consulta a um profissional especializado na área, a fim de garantir a efetividade e adequação do roteiro ao objetivo da presente pesquisa. As sugestões

propostas pelo profissional foram analisadas e agregadas resultando no roteiro utilizado (Apêndice B).

3.3 Procedimentos de coleta

O convite para participação na pesquisa se deu por meio do contato da pesquisadora com algumas pessoas que frequentam centros espíritas kardecistas. Foi buscado nesse contexto a sugestão de algum participante que atendesse aos critérios estabelecidos, o qual foi convidado a participar.

A entrevista semiestruturada foi realizada de forma *online*, devido a dificuldade geográfica no acesso aos participantes, através da plataforma *Google Meet*, a qual os participantes já tinham familiaridade. Vale pontuar que uma das entrevistas - de Lara - precisou ser dividida em dois momentos, à pedido da entrevistada, por necessidade de atender a uma questão de trabalho. As demais foram realizadas em um único encontro online.

Com a anuênci a do participante a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), todas as entrevistas tiveram seus conteúdos sonoros gravados para posterior análise.

3.4 Procedimentos de análise

O conteúdo das entrevistas foi transscrito de forma literal pela pesquisadora. Os relatos foram analisados a partir de uma análise simbólica e também pela própria articulação com a teoria da Psicologia Analítica.

Para Jung, os símbolos são elementos fundamentais. Eles são criados pela função transcendente da psique, capaz de unir nos símbolos aspectos conscientes e inconscientes (Jung, 2016 [1964]). Nas palavras de Penna (2009):

O símbolo como único meio pelo qual o inconsciente se torna acessível à observação é o elemento que congrega aspectos conhecidos e desconhecidos sintetizados pela função transcendente da psique, desta forma, representando e apresentando à consciência aquilo que é relevante e significativo para uma dada consciência (coletiva ou individual) num dado momento (contexto do símbolo) (p.196).

Nesse âmbito, foi realizada uma análise dos símbolos presentes nos discursos investigados, levando em conta o entrevistado, o contexto e o entrevistador. De acordo com

Penna (2009), o processo científico na Psicologia Analítica ocorre em semelhança ao processo de individuação, que se caracteriza pela integração de conteúdos inconscientes à consciência e que se coloca como objetivo terapêutico. A proposta da pesquisa visou tornar os aspectos desconhecidos em conhecidos, tornando-os conteúdos assimilados.

Paralelamente, se buscou traçar paralelos entre os relatos dos participantes com os próprios conceitos da Psicologia Analítica. Assim, novos questionamentos poderão ser suscitados para o desenvolvimento de novas pesquisas, garantindo o intuito dessa pesquisa de se somar ao conhecimento coletivo.

Nesse âmbito, a pesquisa se incumbiu de compreender as experiências anômalas e como elas foram vivenciadas no passado, trazendo sempre à tona os desenvolvimentos que se sucederam até os dias de hoje. O intuito, foi albergar a forma que o sujeito elaborou a presença da mediunidade na sua vida diante dos símbolos do seu discurso. Ao mesmo tempo, articular elementos das vivências dos entrevistados com a Psicologia Analítica, a fim de estabelecer conexões e diálogos. Desse modo, se atentou para as possíveis dificuldades advindas da vivência e ao mesmo tempo à importância disso na sua vida, a partir dos objetivos estabelecidos para esse estudo.

3.5 Procedimentos éticos

As pesquisas realizadas com seres humanos pressupõem a existência de riscos. Em comprometimento com o bem-estar e segurança dos participantes, foram seguidas as disposições presentes na Resolução número 466 de 12/12/2012 relacionadas pelo Conselho Nacional de Saúde, complementada pela 510/2016. As responsabilidades éticas foram mantidas, a fim de garantir a integridade dos voluntários.

Os participantes foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) com o intuito de obterem conhecimento sobre os riscos, benefícios, responsabilidades e objetivos da pesquisa. Apenas após estarem cientes de todas as informações, concordarem em participar e assinarem o termo, é que foi dado prosseguimento a realização do estudo. Na análise dos resultados, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes para preservar suas identidades. Por fim, o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e está registrado na Plataforma Brasil sob o n.6.485.259.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente serão apresentados dados sociodemográficos da amostra e a história das vivências mediúnicas de cada participante. Na sequência, serão abordados os seguintes aspectos a partir da análise simbólica: o papel do contexto; o significado atribuído à experiência mediúnica; rede de apoio; sofrimentos associados à experiência; sensações de bem-estar.

4.1 Dados sociodemográficos dos participantes

Os participantes da pesquisa foram três indivíduos adultos que relataram ter tido experiências mediúnicas na infância. A fase inicial da entrevista foi destinada para a coleta de dados sociodemográficos apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes

| Nome | Gênero | Idade | Religião | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Residência |
|-----------|--------|-------|----------|--------------|-------------------------------|-----------------------|------------|
| Igor | M | 31 | Espírita | Casado | Pós-graduado | Engenheiro agrônomo | Araxá |
| Lara | F | 52 | Espírita | Divorciada | Pós-graduada | Jornalista | Brasília |
| Dona Elci | F | 80 | Espírita | Viúva | Ensino fundamental I completo | Professora aposentada | Araxá |

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

No decorrer da entrevista, também foi coletado qual o tipo de mediunidade experienciado pelo participante na infância e em outras fases da vida. Tais dados são relevantes para a investigação dos objetivos propostos e serão apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 - Dados da experiência mediúnica dos participantes

| Participante | Mediunidade experienciada na infância | Mediunidade experienciada em outras fases da vida |
|--------------|---------------------------------------|---|
| Igor | Auditiva | Auditiva, vidência, falante |
| Lara | Auditiva, vidência, falante | Auditiva, vidência, falante, pneumatografia |
| Dona Elci | Auditiva, vidência | Auditiva, vidência |

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

4.2 História da mediunidade dos participantes

A mediunidade de Igor ocorreu durante sua infância, tendo se tornado notória para ele a partir dos 8 anos. Aproximadamente nesta idade, ele começou a perceber que ouvia uma voz interna, a qual ele atribui a característica de uma intuição. Tal voz o orientava sobre suas ações, como, por exemplo, incentivando-o a estudar quando ele estava indo brincar ou jogar bola com os amigos. Paralelamente, ele também ouvia vozes externas a ele, as quais ele denominou advirem de seus “amigos espirituais”. Todavia, neste período da infância, ele contou que acreditava serem “coisas da sua cabeça”, assim como era também para sua mãe, para a qual ele exteriorizava estes acontecimentos. Foi aproximadamente com 12 anos, que ele começou a se questionar sobre a realidade de tais experiências, mas ele ainda não atribuía ao fenômeno alguma explicação. Por volta de seus 15 anos, Igor começou a frequentar um centro espírita kardecista pelo incentivo de sua família, visto que ele tinha bastante receio pela doutrina. Até então, ele compreendia que a doutrina não representava algo bom, tendo em vista que não conhecia muitas pessoas que a frequentavam. No período que se sucedeu, ele começou a participar das atividades e estudar dentro da casa espírita, se engajando e desenvolvendo apreço pela doutrina. Foi neste momento, que ele começou a atribuir significado para suas vivências desde a infância, como sendo fenômenos mediúnicos. De acordo com Igor, a partir dos seus 15 anos, passou a desenvolver outras formas de mediunidade, como a vidênci a e a incorporação (mediunidade falante). Esta última apenas desenvolveu há três anos.

A mediunidade de Lara começou logo na sua primeira infância. Seus familiares a contaram que, aos 2 anos, ela teve um desmaio e nada a acordava. Diante disso, sua avó paterna, a qual era espírita, a pegou no colo e iniciou um diálogo com o espírito que, segundo ela, estava influenciando o seu corpo. Depois disso, Lara acordou e voltou a brincar, como se nada tivesse se passado. Ademais, Lara contou que ela tinha muito vínculo com o seu avô que faleceu quando ela tinha por volta de 1 ano. Lara relatou que uma amiga de sua avó a encontrou brincando com o seu avô diversas vezes depois dele já ter falecido. Durante sua infância ela também conta que via várias figuras quando ia dormir e sentia bastante medo e insegurança, precisando ir deitar na cama com seus pais. De acordo com Lara, enquanto estava na escola ou brincando com amigos ela não via espíritos. As figuras apareciam apenas quando estava em casa se aproximando da hora dela dormir. Seu pai era espírita e sua mãe acreditava na doutrina, mas ainda era vinculada com a igreja católica.

Eles não entendiam as vivências de Lara como mediunidade, mas achavam que era fruto da imaginação dela. A mãe de Lara se suicidou quando ela tinha por volta de 8 anos, e hoje ela comprehende que as figuras que ela via à noite poderiam ser os espíritos que acompanhavam sua mãe e a obsediavam (termo usado pela doutrina espírita para indicar o domínio e influência que alguns espíritos podem exercer sobre indivíduos). Por conta disso, após o falecimento, ela descreve que “o peso da mediunidade” (expressão usada por Lara) passou a não ser tão grande, visto que não via as figuras mais com tanta frequência e, nesse sentido, não sentia mais tanto medo e insegurança. Aos 10 anos, ela foi morar com seu pai em Brasília. Na casa de seu pai, tinha uma biblioteca gigante, na qual ela adorava folhear e ler os livros, principalmente de Monteiro Lobato. De acordo com ela, enquanto lia, se ela se concentrasse muito, conseguia se projetar para fora do corpo, o que hoje ela entende que se tratava de um desdobramento (característico da mediunidade falante). Ela gostava bastante de fazer isto, visto que conseguia brincar com as cores da luz do quarto e mudar o ambiente. O seu pai, apesar de ser espírita, não realizava nenhuma influência a respeito da religião que ela queria seguir. A escolha por seguir a doutrina espírita se deu por conta própria, quando ela tinha por volta de 11 anos. Segundo Lara, ela estava andando pela biblioteca de seu pai quando teve uma intuição de andar próxima a uns livros amarelados, os quais despertaram muito o interesse dela. Tratava-se das obras básicas da doutrina espírita. Ela começou a ler os livros e desenvolveu apreço pela doutrina. Foi quando passou a significar os fenômenos que aconteciam com ela como mediúnicos. Apenas com 18 anos começou a frequentar um centro espírita em Brasília, o qual buscou por conta própria. Ela participou da juventude espírita e depois continuou os trabalhos dentro da casa. A partir dos estudos, ela desenvolveu outras mediunidades e começou a participar das sessões mediúnicas. Hoje em dia, ela relata que consegue controlar a sua mediunidade para utilizá-la apenas dentro do contexto espírita.

Dona Elci relata que sua mediunidade se iniciou por volta dos 7 anos de idade. Na época, sua mãe já não estava mais presente, visto que faleceu quando Elci tinha 4 anos. O seu pai era espírita e médium, e foi o responsável por transmitir à filha que as experiências as quais estava vivenciando se tratava de fenômenos mediúnicos. De acordo com suas descrições, Elci ouvia e via espíritos, o que, na época, lhe trouxe sofrimento e tristeza. O seu pai foi sua figura de apoio e suporte, acolhendo-a quando estava chorando e ensinando a ela como moldar e trabalhar a sua mediunidade. Ela relata que, por volta dos 10 anos, começou a participar das reuniões mediúnicas, o que, de acordo com Dona Elci, não é

recomendado, pois a criança ainda está exposta à inexperiência. Apesar disso, ela conta que foi neste momento que ela começou a ter mais controle sobre sua experiência mediúnica. Paralelamente, ela também participava de trabalhos voluntários para visitar a casa de pessoas doentes e necessitadas para rezar por elas. Em certos momentos, isso perturbou seus estudos, visto que seu pai, às vezes, pedia a ela para que faltasse na escola para assistir alguma pessoa que precisava de auxílio. Com 13 anos ela se casou e começou a realizar cursos para ser professora, profissão que ela exerceu por 25 anos. Atualmente, ela é aposentada e vive em Araxá. Dona Elci continuou vivenciando as mesmas mediunidades até os dias atuais, mas relata conseguir separar bem a sua comunicação com os espíritos para conseguir identificar o que é próprio dela e o que vem de influência do plano espiritual. Apesar disso, ela traz que ainda tem medo de não ser capaz de realizar essa diferenciação.

4.3 Análise simbólica dos dados coletados

Para realizar a análise dos discursos, é feito um retorno aos objetivos da pesquisa, a fim de ampliar a compreensão a respeito destes.

a) O papel do contexto

Diante dos materiais coletados, objetivou-se identificar o papel que o contexto obteve tanto na ocorrência, como também na compreensão dada à vivência mediúnica para os casos observados. A partir da pesquisa de Martinez (2020) se hipotetizou a influência que o contexto poderia exercer nestes âmbitos, reconhecendo a importância de dar continuidade aos estudos a partir desta premissa. Ele ressalta o fato das crianças estarem em um processo de formação e amadurecimento, o que poderia suscitar a possibilidade de serem mais influenciáveis para captar as mensagens do meio circundante (Martinez, 2020).

A partir das hipóteses formuladas por Martinez (2020), buscou-se ampliar como elas se relacionam com os participantes da presente pesquisa. No relato de Igor, evidenciou-se que não havia contato prévio com qualquer religião mediúnica antes das experiências ocorrerem. Nesse âmbito, os fenômenos que aconteciam com ele eram interpretados como “coisas da própria cabeça”. Igor até nutria certa resistência em relação à doutrina espírita. Quando ele começou a frequentar a casa espírita, por volta dos 15 anos, foi por insistência dos seus pais. Todavia, Igor descreve que começou a nutrir apreço pela doutrina espírita com o tempo, a qual segue e participa até hoje. A partir do estudo, ele começou a

compreender que os fenômenos que aconteciam com ele desde a infância correspondiam à mediunidade. Diante do seu caso, se observa que não houve influência do meio para as experiências ocorreram, mas sim para a compreensão dada aos fenômenos.

A situação de Lara se diferencia de Igor em alguns aspectos. A sua família estava vinculada à doutrina antes dos fenômenos começarem a acontecer. Seu pai e avó eram espíritas e sua mãe acreditava na doutrina, apesar de ainda estar vinculada em parte com a igreja católica. O relato de Lara nos demonstra que suas experiências se iniciaram bem cedo, em torno dos 2 anos de idade. Ela conta sobre um desmaio que teve nesta idade, que foi significado pela família como sendo causado por um espírito que estava influenciando o seu corpo e sua avó espírita fez um diálogo fraternal para que ele fosse embora. Paralelamente, ela relata sobre uma amiga da família que a via brincando com o seu avô falecido. Ambos os fatos ocorreram quando ela tinha por volta dos 2 anos. No trabalho de Jung, ele expressa que a criança, apesar de dispor de um centro da consciência, ainda não possui um ego formado. Diante disso, nos primeiros anos de vida, a criança ainda está sujeita à influência parental, mas não somente a isto. Ela também já apresenta suas particularidades subjetivas, e não cabe atribuir total responsabilidade aos pais pelos comportamentos infantis (Jung, 2013 [1934]). Diante destas considerações, não cabe afirmar com certeza que os fenômenos que aconteceram com Lara tiveram influência total ou parcial do contexto que estava inserida.

Todavia, no que tange à compreensão dada ao fenômeno pode-se inferir outro recorte. Durante a entrevista, Lara conta que seu pai nunca a direcionou para seguir a doutrina espírita, visto que ele entendia que se tratava de uma escolha própria dela. Ainda assim, de acordo com seu relato, o fato do seu pai ser espírita e ter as obras básicas da doutrina em casa, acabou exercendo certa influência. Foi a partir da leitura desses materiais que ela começou a entrar em contato com o espiritismo e dar significado às experiências que vivenciava como sendo mediúnicas. Neste âmbito, vale considerar a influência indireta que o contexto exerceu para a compreensão dada aos fenômenos que ocorriam com ela.

Na situação de Dona Elci, podemos ampliar para outra compreensão. A influência que o contexto espírita exercia na sua casa era maior, uma vez que seu pai seguia a doutrina e também era médium. Tais elementos eram bastante explícitos em sua rotina. Mais uma vez, não vale atribuir a ocorrência destes fenômenos ao contexto, mas sim considerar a relevância que o contexto espírita teve durante sua infância, especialmente para a significação dos fenômenos. Seu pai teve uma presença relevante nesse aspecto,

visto que interpretou o que acontecia com sua filha como uma experiência mediúnica e a explicou de tal forma. A partir deste entendimento, Dona Elci começou a participar ativamente das práticas da casa espírita pelo incentivo de seu pai.

Nos três casos, evidencia-se a relevância que o contato com o ensinamento espírita teve para que os participantes compreendessem os fenômenos que aconteciam consigo como mediúnicos. Com relação a influência para ocorrência, não vale atribuir qualquer relação causal aos contextos. Todavia, no caso de Dona Elci, cabe ressaltar como o contexto espírita estava presente no seu cotidiano durante a infância.

b) O significado atribuído à experiência mediúnica

De acordo com o espiritismo, a mediunidade é uma faculdade inerente a todos, a qual pode se manifestar de forma espontânea ou excitada. Cada indivíduo, de acordo com sua própria constituição física desenvolve alguma ou algumas das formas de expressão da mediunidade. A recomendação fornecida pela doutrina, é que não se provoque o desenvolvimento da mediunidade em crianças, visto que elas ainda estão em fase de amadurecimento e estão sujeitas à inexperiência. Todavia, quando há o desenvolvimento espontâneo da mediunidade na infância, não há problemas, uma vez que está relacionado a própria constituição física da criança. A ressalva é que é necessário que a criança seja orientada e direcionada por alguém experiente, para que ela possa ser instruída a fazer uso da mediunidade de forma ética e respeitosa (Kardec, 2016 [1861]).

A compreensão dos participantes a respeito da mediunidade condiz com o que é explicitado nas obras básicas do espiritismo, exposta anteriormente. Ainda assim, cabe ampliar o discurso individual de cada participante a respeito do significado da mediunidade na sua vida, tendo em vista que surgiram aspectos subjetivos relevantes.

Na entrevista com Igor, ele apresenta a mediunidade não como um dom, mas uma forma de trabalho: “*A mediunidade, ela é um processo, é... nós da doutrina espírita a gente pensa é... não ser um dom, mas é uma forma de trabalho né*” (Igor).

Neste âmbito, a partir do seu discurso durante a entrevista, ele apresentou a mediunidade como uma forma de trabalhar para o auxílio dos espíritos. Desde que Igor começou o trabalho na casa espírita, ele relata que sua relação com a mediunidade e até mesmo a sua saúde mental foram beneficiadas. Em contrapartida, ele traz o fato de que, em certo momento de sua vida, precisou se afastar da casa espírita e do trabalho mediúnico, devido a responsabilidades profissionais. Neste período, sua saúde mental ficou

desorganizada e prejudicada. Ele relata que seu mundo interior estava com uma turbulência notória. Por conta disso, ele precisou buscar o tratamento espiritual dos trabalhadores da casa espírita, para que conseguisse se recuperar. Diante desse fato, ele traz um significado subjetivo da mediunidade na sua vida:

“Então é, eu sou como Maria, eu sou como uma enxada. Se eu deixar ela paradinha, ali, no tempo ela vai enferrujar e ela vai adoecer. Agora, é incrível você pode olhar aí em qualquer fazendeiro e qualquer cara que cuida de jardim aí para os outros. Se a enxada dele trabalha, ela nunca enferruja. Isso é como eu e a minha relação com a mediunidade. Se eu trabalhar, eu vou ficar muito bem tanto na vida profissional, pessoal, no relacionamento com os meus familiares. Agora, se eu não trabalhar, tudo vem à tona, tudo, é impressionante” (Igor).

Em termos simbólicos, vale considerar que Igor é um engenheiro agrônomo. A enxada, neste sentido, para ele, constitui-se como uma ferramenta relevante e com um cunho simbólico notável. Jung, no seu trabalho, realiza uma valoração dos símbolos como uma forma do inconsciente transcender para a consciência e manter uma certa regulação da psique (Jung, 2016 [1964]). Neste sentido, atrelar a si uma ferramenta como a enxada na sua relação com a mediunidade, pode ter uma conotação relevante para o processo de resolução e enfrentamento das dificuldades advindas da vivência com a mediunidade. Dessa forma, o símbolo atua como possibilidade de transformação por revelar as demandas do inconsciente e as necessidades provenientes da consciência, possibilitando o andamento da individuação.

Na entrevista com Lara, a mediunidade surgiu como uma forma de ajudar as outras pessoas.

“Eu acho que a mediunidade é uma possibilidade a mais da gente ajudar os outros. Ela não é algo extraordinário, mas ela permite que a gente ajude o outro. Que a gente perceba o outro melhor, que a gente possa perceber e ter uma sensibilidade de entender aonde tem alguém sofrendo e estender a mão. Isso pode ser a pessoa encarnada, a pessoa desencarnada” (Lara).

“Me permitiu assim aprender coisas importantíssimas com pessoas que precisavam de muita ajuda. E me educou em muitas coisas, né? Assim, como é que eu tenho que ver a minha vida? Como é que eu vivo a minha vida pra pra chegar lá do outro lado bem, pra chegar com saúde mental, pra chegar é sendo útil. Então é uma eu acho que é uma forma de você ser útil (...)” (Lara).

A fala de Lara aponta também sobre a relevância da mediunidade na sua vida, principalmente como possibilidade de ser útil para o outro. Tal forma de enxergar a experiência mediúnica também apareceu na fala de Dona Elci durante a entrevista: *“Eu considero minha filha como uma profissão a mediunidade é uma profissão nossa, é uma ferramenta de trabalho. Porque não só você é, mas como quem tão em volta de você” (Dona Elci).*

Todas as entrevistas apresentaram o fenômeno mediúnico como uma faculdade inerente do indivíduo para ajudar os outros. Tal característica atribuída ao fenômeno mediúnico pode se traduzir numa forma de exercício da alteridade, a qual é fundamental para o desenvolvimento de uma postura não centrada no ego. Paralelamente, esta ideia também está atrelada ao próprio princípio da doutrina espírita de valoração da caridade (Kardec, 2016 [1861]), denotando a influência contextual para o processo de significação da mediunidade.

Ao mesmo tempo, foram relatadas as dificuldades atreladas a vivência do fenômeno, uma vez que, segundo os participantes, quem experencia a mediunidade está sujeito às influências de espíritos desencarnados sofredores. A partir do estudo, do próprio sofrimento e do trabalho para esculpir sua mediunidade, eles relatam adquirir a empatia e instrução necessária para auxiliar os espíritos.

Na mitologia grega, Quíron era um centauro que se destacava pela sua natureza divina. A sua natureza animal-humana-divina adivinha do fato de Crono ter seduzido Filira em uma forma equina, dando origem ao Quíron. Ele dominava a arte da guerra e também se realçava dentre os outros centauros pela sua característica afável e sensível (Brandão, 1987). Durante um massacre protagonizado pela figura de Herácles, Quíron foi ferido por sua flecha envenenada, a qual ocasionou uma ferida incurável. A divindade de Quíron o confere a imortalidade, fazendo com que ele tivesse uma ferida incurável por toda a eternidade. Tal tragicidade de sua história carrega o símbolo do curador-ferido, que se traduz no fato de que aquele que possui uma ferida incurável, adquire o dom de curar pelo sofrimento advindo de sua ferida (Penna, 2004).

Diante do relato dos participantes, dá pra se traçar um paralelo com o arquétipo do curador-ferido representado por Quíron. Na fala dos entrevistados, a mediunidade é uma ferramenta inerente, a qual terão que conviver por toda sua vida. Junto com essa faculdade, surgem sofrimentos e responsabilidades, configurando uma ferida incurável. As experiências provenientes de suas próprias dificuldades lhes fornecem embasamento e empatia para que possam auxiliar os espíritos encarnados ou desencarnados, dando-lhes o papel de curadores. As duas polaridades ficaram evidentes na fala dos participantes a partir dos seus discursos a respeito do trabalho mediúnico exercido por eles, o que carrega a similaridade com a figura de Quíron, presente na mitologia grega.

Outro aspecto a se considerar, tange o fato de que todos os participantes relataram dificuldades e sofrimentos advindos da mediunidade no período em que os fenômenos se

iniciaram. Este sofrimento inicial também pode ser percebido em sociedades xamânicas. Nestes contextos, o xamã ou curador é considerado o sacerdote da tribo. Desde criança, ele é reconhecido pelo fato de ter características que são dissonantes das outras. Para estas sociedades, o xamã realiza uma mediação entre o sagrado e o profano, podendo exercer papel de conselheiro e mediador dos conflitos da tribo. Nesse âmbito, a sua vocação constitui um chamado dos deuses ou espíritos para que ele se torne um curador. Por meio de drogas alucinógenas e rituais, o xamã é capaz de entrar em contato com os ancestrais e as divindades, sendo ele o único capaz de fazê-lo. A possessão, nas sociedades xamâncias, é induzida e controlada por meio de rituais. Todavia, para se tornar um xamã, o candidato precisa passar por um processo iniciático, o qual envolve provas de resistência física, psíquica e espiritual. Apenas após enfrentar esta longa jornada de aprendizado, é que se poderá tornar efetivamente o curandeiro ou xamã da tribo (Natel, 2016).

Diante disso, dá para se traçar um paralelo com o que os participantes da entrevista relataram. Eles contaram sobre um processo de sofrimento que se iniciou na infância, devido às experiências mediúnicas. Para tanto, precisaram passar por um processo de aprendizado e moldagem da sua mediunidade, o qual surgiu a partir do contato com a doutrina espírita. As nuances deste depoimento dos participantes se assemelham à doença iniciática, típica dos xamãs. É necessário um processo de resistência às dificuldades, treinamento e aprendizado, para então poder exercer a função de curador.

Nesse cenário, adentra-se no fato que os participantes relataram uma resolução positiva quando entraram em contato com o estudo espírita. Tal fato lhes permitiu dar significado à experiência e adquirir conhecimento e habilidade sobre como lidar com a situação.

Campbell em seu livro “O Herói de Mil Faces” demonstra uma sistematização da jornada do herói, a qual ele realizou a partir da análise de inúmeros mitos, fábulas e lendas de diferentes períodos históricos. Ele descreve eventos pelos quais o herói das histórias passa, até chegar na sua transformação final (Campbell, 2007). Tais etapas se repetem ao longo das histórias de diferentes povos, caracterizando seu gérmen arquetípico.

A partir disso, pode-se traçar certa similaridade com a vivência descrita pelos participantes. Inicialmente, o herói está em seu mundo comum, até que ele recebe um chamado para uma aventura, que pode ser representado por um desafio que o impede de se manter em seu meio habitual (Campbell, 2007). Analogamente, os três entrevistados

viviam sua infância naturalmente, até que começaram a vivenciar as experiências mediúnicas – o desafio. Campbell descreve que, de início, há uma recusa do herói a este chamado, devido ao medo, receio e insegurança (Campbell, 2007). De acordo com o relato de dois dos participantes, eles apresentaram certa resistência quando tais fenômenos se iniciaram, configurando esta recusa ao chamado.

No caso de Igor, evidenciamos o seu receio em relação à doutrina espírita. Já na situação de Dona Elci, vemos certa relutância inicial em aceitar o porquê aquilo acontecia com ela, como vemos em algumas de suas falas:

“Os espírito me tomava e eu com o olho aberto, então eu achava aquilo um absurdo. Eu comecei a duvidar de mim, falei, ó, eu to ficando é doida” (Dona Elci).

“Eu tinha aí os meus 9 anos, 10 anos, surgia uma doença num num lar, aí papai falava assim, ó, minha fia hoje cê não vai pra escola não, porque hoje nós temos uma missão a cumprir e eu tinha pavor de falar em missão. Eu achava aquilo um absurdo falar em missão, falar quem sou eu?” (Dona Elci)

“Ai eu ficava pensando assim ah minha missão é mais pesada que a dos outro? Hoje a gente não pode falar isso mais né?” (Dona Elci)

O próximo evento descrito por Campbell, diz respeito ao encontro com o mentor, o qual tem o papel de preparar o herói para a vivência do desconhecido (Campbell, 2007). Na história de Igor e Lara, o estudo na casa espírita assume este papel. Já na de Dona Elci, evidencia-se o vínculo com o seu pai, o qual foi de fundamental importância para lhe amparar e auxiliar na sua significação da vivência.

Os seguintes eventos descritos pelo autor, correspondem a desafios, em que o herói é posto à prova (Campbell, 2007). Observamos isto na fala dos participantes, quando eles relatam o processo de moldagem da sua mediunidade e os desafios que precisaram enfrentar para aprender a lidar com ela e aceitá-la. Tal fato ficou bem evidente na fala de Igor:

“Então, para você ver a diferença de quando você esculpe essa mediunidade de quando você não esculpe. É, aos 12, 13 anos eu ouvia as vozes, eu não entendi o que que era eu, simplesmente, ah, coisa da minha cabeça, continua, ah, isso aí não é nada, não vai. E dava, dava problema, né? Agora não, agora eu com a, estudo, com o amparo espiritual, né? Com o desenvolvimento, eu consigo ir além, eu vejo a mais, né? O meu leque de visão de abrangência ficou maior.”

Após este período de provas, o herói pode finalmente obter a sua recompensa e retornar ao seu mundo habitual (Campbell, 2007). Na história dos participantes, isso corresponde ao momento em que conseguem aceitar a sua faculdade mediúnica, e assim, estão aptos para conviver com ela, apesar das dificuldades. Lara demonstra isto em uma das suas falas: *“Então, assim. Depois eu aprendi a não ficar no meu dia a dia prestando*

atenção, cortar a ligação mental. É que isso era uma coisa que tinha que acontecer no lugar adequado, né?"

Todavia, neste caminho de retorno ainda haverá dificuldades, como é posto por todos os participantes. O diferencial é a forma com que eles vão enfrentá-las. Desta forma,

assim como foi colocado por Igor e Lara, quando há alguma desregulação na sua mediunidade, eles recebem o tratamento espiritual para os trabalhadores do centro espírita.

Depois de todo este processo, o herói se transforma e ocorre uma espécie de ressurreição. Ele renasce e pode voltar a conviver com o mundo comum mais evoluído e com um novo entendimento (Campbell, 2007). O renascimento oriundo das provas é demonstrado claramente na fala de Igor:

"... isso mudou muito a minha vida é... tanto em crescimento pessoal como crescimento, é de ser humano. É de entender que não só eu sou só eu, que passo por situações difíceis e que precisa de ajuda, mas também as outras pessoas. Então eu me, entender isso e ter a compreensão de que várias questões difíceis que eu vou passar hoje é... são pro meu crescimento, né? E se eu não passá-las eu vou ter que passar é num próximo momento, né? Pra eu vencer as barreiras de que eu mesmo criei dentro de mim certo? Então, hoje eu penso dessa forma."

A partir de suas experiências e de sua mudança, o herói pode beneficiar as pessoas à sua volta (Campbell, 2007). A prática de usar a mediunidade como uma forma de auxiliar os espíritos encarnados e desencarnados se configura como este bem que é trazido para a comunidade.

O cunho arquetípico da jornada do herói está atrelado ao próprio ato de viver do ser humano. Esta jornada permite uma transformação rotineira rumo ao nosso verdadeiro ser, característico do processo de individuação.

c) Rede de apoio

No decorrer das entrevistas buscou-se identificar possíveis redes de apoio que os participantes possam ter tido para significar, compreender e enfrentar a vivência da mediunidade no período infantil.

Durante a infância, a criança ainda está em um período de formação do ego. Tal processo se dá por meio dos choques e colisões que ela vai tendo com o meio que a circunda, o que exige dela uma adaptação. Os conflitos com o meio externo podem ser representados, por exemplo, pelo fato dos pais não corresponderem sempre à vontade da criança. A frustração advinda do insucesso em impor a sua vontade, se bem conduzida, vai auxiliando a criança a ir formando o seu centro da consciência. Quando esses choques com

a realidade são muito fortes, o ego em formação pode ser comprometido e gerar dissociações (Stein, 2006).

Não cabe a presente pesquisa atribuir um valor patológico dissociativo às experiências dos entrevistados, tanto por não terem sido relatados eventos traumáticos durante à infância antes dos fenômenos ocorrerem, como também por não ser papel deste estudo validar ou desvalidar as crenças nas experiências compreendidas como mediúnicas. Todavia, vale considerar que, as experiências de sofrimento relatadas pelos participantes em decorrência da mediunidade na infância, se não tiverem sido bem conduzidas, podem comprometer a psique ainda em formação. A partir desta compreensão, é que foi buscado investigar a presença de uma rede de apoio para o auxílio e enfrentamento da situação.

Na situação de Igor e de Lara, foi possível identificar alguns elementos que trouxeram frustração e insegurança. No primeiro caso, ele relata sobre o fato de sua família ser católica até ele completar seus 15 anos. Na sua descrição, ele traz a sua frustração oriunda do fato de não obter amparo e explicações na Igreja Católica sobre os fenômenos que ocorriam com ele.

“Dentro da igreja católica a gente não tinha amparo. Eu sempre era bem...vamos dizer, bem assíduo na igreja católica ia a missa toda semana e etc. É só que aquilo ali não me...Satisfazia, enfim, eu não chegava a ter as respostas que eu queria ter sobre aquele fenômeno que eu estava passando, certo?” (Igor)

Até começar a frequentar o centro espírita com 15 anos, Igor apenas tinha exteriorizado o que ocorria com ele para sua mãe. Entre seus 8 e 12 anos, ele e sua mãe achavam que os fenômenos se tratava de “coisas da sua cabeça” (expressão usada por Igor), mas nunca acharam que fosse “loucura” (expressão usada por Igor). Aos 12 anos foi que começaram a se questionar sobre a fantasia desta vivência e suscitar que poderia ser algo a mais, momento que ele conta que mais sofreu. Nesse recorte temporal, Igor frequentava benzedores e curadores da Igreja Católica, mas, para ele, isto não era suficiente.

Ao ser questionado sobre como era o recebimento da sua mãe sobre os fenômenos que aconteciam com ele antes de ir pro centro espírita, ele diz:

“Então, é... pra uma pessoa te acolher ela tem que ter embasamento, né? Então minha mãe ficava meio que perdida. É... ah, isso é coisa da sua cabeça, meu filho, não, não pensa assim, não, entendeu? Não é... esquece isso, deixa pra lá. Até o momento em que a gente teve o amparo espiritual da doutrina espírita, mas antes disso era mais ou menos nesse sentido. Ah, esquece, isso não... é faz o que seu coração mandar, mais ou menos nesse sentido.”

Diante de tal resposta, foi perguntado sobre como ele se sentia frente a isto:

“Frustrado, frustrado. Porque eu eu sentia, eu vivenciava e não tinha uma resposta pra aquilo. Então eu eu fui muito frustrado na minha na minha infância, sabe? Nesse sentido por conta disso.”

O relato de Igor demonstra uma frustração relevante durante a infância, devido a incompreensão sobre o que ocorria com ele. A falta de uma rede de apoio capaz de acolher e fornecer um sentido para o que ele vivenciava, promoveu um sofrimento perceptível no período infantil.

Em contrapartida, pode-se considerar a funcionalidade que uma rede de apoio propiciou para ele quando ele começou a frequentar a casa espírita. Apesar da frustração vivenciada na infância, ele dá ênfase sobre a forma com que o contato com o estudo espírita o ajudou a superar a incompreensão experienciada anteriormente. Nesse âmbito, reconhece-se a forma com que a presença de uma rede de apoio, tanto da casa espírita, como também o auxílio posterior de seus pais, foi capaz de trazer um sentido à experiência e um equilíbrio emocional para ele. No seu relato, ele conta sobre como, a partir dos 15 anos, conseguiu aceitar os fenômenos que ocorriam com ele, atribuindo um entendimento e esculpindo sua mediunidade para conseguir viver melhor com ela. Desse modo, pode-se suscitar que os fortes conflitos que sua psique em formação precisou vivenciar durante a infância em decorrência da experiência mediúnica, puderam encontrar um alicerce para serem significados, reduzindo o seu poder traumático.

A pesquisa realizada por De Oliveira Maraldi *et al.* (2023) parece refletir a situação vivenciada por Igor. Neste estudo, foram aplicados questionários para uma amostra de 263 pessoas de diferentes religiões, para coletar dados a respeito da sua vivência mediúnica. As informações angariadas, revelaram que a maioria dos participantes (72,1%) enxergavam o suporte de um grupo religioso como sendo “sempre favorável”. A positividade deste apoio parece ter se aplicado às experiências mediúnicas de Igor, uma vez que, na infância, com a ausência de um apoio da esfera religiosa para compreender suas vivências, a frustração apareceu como consequência predominante das suas vivências. Por outro lado, o contato

posterior com a doutrina espírita, parece ter lhe fornecido um alicerce interpretativo, denotando um lado positivo e favorável que o permitiu aceitar e esculpir sua mediunidade.

Ademais, Jung reitera sobre o fato de a vocação para a espiritualidade ser algo inerente ao homem, de base arquetípica. Para ele, a espiritualidade não se relaciona essencialmente aos dogmas religiosos, mas a uma busca transcendental pelo sentido de existir, atrelado a uma dimensão espiritual (Jung, 2013 [1934]). A vivência religiosa, caso

não ocasione a inibição da vida, se torna uma experiência vitalizadora para o ser humano, sendo capaz de fornecer sentido em períodos de transtornos existenciais (Monteiro, 2006). Diante disso, evidenciamos que, para Igor, a experiência com a doutrina espírita foi capaz de fornecer este sentido e significado que ele buscava, devolvendo-o a energia vitalizadora para atravessar um momento de crise.

No caso de Lara, foi possível observar que, apesar de sua família ser espírita, não houve uma compreensão inicial dos fenômenos como mediúnicos. Seus pais atrelavam às suas visões, algo próprio da sua imaginação e fantasia infantil. Ela relatou ter sentido bastante medo e insegurança durante sua infância, visto que via e ouvia figuras quando ia se deitar para dormir, precisando ir para o quarto de seus pais. Ao ser questionada sobre como se sentia em relação à forma que seus pais reagiam quando ela contava sobre suas vivências, ela diz: *“É, então eu me sentia insegura. Porque eles não conseguiam barrar aquilo que que acontecia comigo. Eu me sentia é... com muito medo, insegura, com muito medo e isso perturbava o dia, porque à noite ia chegar, né?”*

Mais uma vez, se consegue observar que houve a presença de uma rede de apoio, mas a impossibilidade desta rede de compreender as vivências e significá-las, ressoou na forma que Lara se sentia frente a elas. Na situação da participante, o teor traumático apareceu como uma sensação de medo e insegurança constantes. Apesar dos seus pais permitirem que ela fosse se deitar com eles, o sofrimento permanecia. Além disso, se identifica que o medo se irradiou até mesmo para o período diurno, em que ela contou se tratar de um momento do dia que não via ou ouvia espíritos.

A partir do próprio depoimento de Lara, se percebe que as vivências da infância carregaram um forte teor afetivo, capaz de ocasionar um sentimento de medo constante. Em termos de dinâmica psíquica, toda experiência vivenciada pelo indivíduo gera resquícios que irão adentrar no inconsciente e se associar a complexos de conteúdos similares (Stein, 2006). A expressiva tonalidade afetiva que parece ter circundado as vivências mediúnicas de Lara na infância, pode ter suscitado a energização de complexos, os quais podem deixar a consciência refém de reações físicas e psíquicas. Quando o ego não é capaz de integrar os conteúdos inconscientes, inquietações podem ser suscitadas, advindas de uma própria pressão para que a consciência integre tais conteúdos. Estas perturbações podem surgir na forma de medo e ansiedade, como se algo negativo pudesse ocorrer a qualquer momento (Nasi, 2016). A fragilidade do ego infantil, ainda incipiente e em constituição, pode ressaltar tal dinâmica psíquica, visto que há um ego vulnerável com

a pressão de integrar conteúdos que podem ser intoleráveis para a consciência. A relevância da rede de apoio neste momento, se insere no fato de que ela é essencial para auxiliar na constituição egoica da criança. Nesse âmbito, o comportamento dos pais frente às atitudes da criança, podem ou não auxiliá-la a ter um ego integrado (Nasi, 2016).

Os pais de Lara, apesar de a acolherem e deixá-la dormir com eles nos momentos de insegurança, não foram capazes de fornecer a base interpretativa que ela precisava sobre suas vivências. No seu caso, o acolhimento que seus pais puderam lhe fornecer no momento, não parece ter sido suficiente, visto que ela mesma relata que o medo e a insegurança eram constantes. Diante disso, pode-se suscitar que os conteúdos inconscientes que permeavam a sua psique continuaram pressionando sua consciência sem uma possibilidade de integração.

A situação se alterou, quando Lara tinha por volta de 11 anos, momento em que ela iniciou a leitura das obras básicas do espiritismo, as quais foram fonte de acolhimento para ela. A partir deste contato, ela começou a significar suas experiências e atribuir um sentido a elas, sendo os livros, neste momento, sua fonte de segurança e amparo. Apesar da presença paterna como um apoio, foi apenas o conhecimento cognitivo e espiritual a respeito dos fenômenos que conseguiu fornecer-lhe um apaziguamento das suas inseguranças. Aos 18 anos, ela começou a frequentar a casa espírita, onde encontrou uma rede de estudo e pôde compartilhar suas experiências com o grupo. Este foi o momento de consolidação de uma rede de apoio especificamente relacionada ao acolhimento de suas experiências, onde ela relata ter aprendido a lidar melhor com a sua mediunidade: *“Depois eu aprendi a não ficar no meu dia a dia prestando atenção, cortar a ligação mental. É que isso era uma coisa que tinha que acontecer no lugar adequado, né?”* (Lara).

Assim como Igor, o contato com a doutrina espírita foi capaz de fornecer explicações para o seu sofrimento, o que parece ter reduzido o poder traumático das experiências infantis incompreendidas. A busca pelo sentido de existir, um potencial arquetípico inerente ao ser humano (Jung, 2013 [1934]), fomentou a procura de Lara por algo que pudesse explicar suas vivências. Esse encontro com a doutrina, no caso desta participante, foi capaz de dar vazão a tais potenciais arquetípicos, propiciando uma funcionalidade maior no seu cotidiano. Nesse âmbito, é possível suscitar que a prática religiosa pode ter propiciado uma experiência numinosa, o que ocasiona uma transformação relevante na consciência (Jung, 2011 [1938]). Ao mesmo tempo, pode ter permitido a integração de conteúdos inconscientes, os quais precisavam ser olhados pela consciência. Ademais, também se

identifica na situação de Lara, que o suporte fornecido pelo grupo religioso foi algo positivo para a compreensão da sua mediunidade, o que reflete a consonância com a pesquisa de De Maraldi *et al.* (2023).

A situação de Dona Elci ocorreu de forma diferente. Ao contrário de Igor e Lara, ela teve seu pai como uma rede de apoio para significar as suas experiências e acolhê-la frente as suas inseguranças. Seu pai era espírita e médium, e diante dos fenômenos que ocorriam com sua filha, ele os interpretou como experiências mediúnicas e repassou isto a sua filha. Em momentos de dificuldade, seu pai tentava a instruir sobre como proceder a partir de suas próprias experiências e Dona Elci contou isto em alguma de suas falas:

“Aí o que é que aconteceu aí o papai levantava, ia ficar comigo, rezar o pai nosso comigo. Então eu não tinha 7 anos completo. Aí, dessa época para cá, os espíritos foi me usando assim, com um tipo de abuso, só que eu estava junto com meu pai. Meu pai, como diz, era analfabeto, mas era muito... Os espíritos comunicava muito com ele, aí eles falavam, minha filha, isso é assim, assim, assim, isso é do estudo. Isso é mediunidade, tem que esperar a idade para poder trabalhar né?”

“Às vezes eu tava chorando e falava, pra quê eu to chorando? Aí eu eu tentava voltar no no meu meu como eu era, aí eu escutava o espírito chora. Aí eu falava com o papai, falava, papai, e esse desespero pra chorar? Ele falou, olha, hora que dê vontade de chora, cê pode chorar, pode chorar. Porque eu eu tava com 7 ano, porque eu comigo com 7 anos, cê tem compreensão de quê né? Tinha porque ele ficava em volta de mim 24 hora. Mas graças a Deus saí bem.”

No caso de Dona Elci, seu pai sempre esteve presente para acolher quando ela ouvia ou via espíritos e tentava instrui-la sobre como manejar a situação. Apesar de ela contar, durante a entrevista, que ainda assim, houve dificuldades, ela demonstra um afeto grande pelo seu pai e ressalta constantemente a importância da presença dele neste momento. Diante da dificuldade, seu pai a trouxe para perto, representando uma figura de segurança. Tal fato demonstra a substancialidade da presença de uma rede de apoio na vida de Dona Elci, fato que foi constatado nos relatos dela.

Ainda assim, foi possível evidenciar uma certa disfuncionalidade na relação, quando o pai de Dona Elci requisitava que ela não fosse para a escola para assistir algum doente. Nestes momentos, ela demonstrou que sentia certo descontentamento. Apesar de seu pai ter sido um apoio relevante, comprehende-se que a escola é um local de extrema importância para a criança, visto que é onde ela estabelece trocas sociais entre pares da mesma faixa etária (Alves, 2006). Ao mesmo tempo, isso reflete uma certa falta de escuta de seu pai sobre as próprias vontades de Elci, a qual relatou que gostaria de não ter faltado na escola nesses momentos. Desta forma, apesar do vínculo e acolhimento do seu pai terem sido importantes, ele pode ter adquirido nuances disfuncionais quando a limitou de vivenciar processos típicos da infância.

A partir do recorte sobre as três entrevistas, identificou-se a substancialidade da rede de apoio no acolhimento das suas experiências. Percebe-se que a família foi relatada pelos três como a rede de apoio principal durante à infância e a ter por perto foi sentido como algo muito importante em relação às vivências mediúnicas. Quando a rede não conseguiu dar sentido a essas experiências, sofrimentos como a frustração e a insegurança foram suscitados. Martinez (2020) concluiu que a forma com que o contexto acolhe e fornece as bases interpretativas para as experiências de mediunidade, podem acarretar sofrimento, caso elas entrem em conflito com o que é socialmente esperado e aceito. Diante disso, pode-se propor que a ausência desta base interpretativa, como foi evidenciado no caso de Igor e Lara, predispôs o aparecimento dos sofrimentos relatados na infância. Ter uma figura de apoio que ajudasse a significar as experiências se demonstrou relevante na situação de Dona Elci, tendo em vista que houve uma congruência entre as experiências dela e as compreensões fornecidas pelo pai. Todavia, evidenciou-se que houve momentos de disfuncionalidade nessa relação pai-filha, o que pode ter prejudicado, de certa forma, algumas de suas vivências infantis.

A doutrina espírita aparece nas histórias como importante fonte de significado e sentido, o que se demonstrou funcional ao predispor a revitalização que tinha sido limitada pela incompreensão dos fenômenos que aconteciam. O potencial para a espiritualidade é uma vocação arquetípica do ser humano (Jung, 2013 [1934]). O sentido advindo de uma religião, quando fornece energia para viver, é fundamental para fornecer suporte em momentos de crise (Monteiro, 2006), o que parece ter ocorrido no caso dos participantes.

d) Sofrimentos associados à experiência

No estudo realizado por Martinez (2020), o autor apresenta também como a mediunidade pode ocasionar sofrimento. A partir deste entendimento, investigou-se a presença ou não de sofrimentos relacionados às experiências mediúnicas na vida dos participantes.

As entrevistas evidenciaram que todos os três participantes tiveram momentos de sofrimento em decorrência da experiência mediúnica. Na infância de Igor, ele relata a frustração oriunda da incompreensão sobre o que ocorria com ele. Já na de Lara, ela destrincha o seu sentimento de medo e insegurança frente às figuras e vozes que rodeavam as suas noites. Dona Elci demonstra o seu medo de não conseguir diferenciar as sensações e pensamentos que são próprios dela entre os que são de influência espiritual.

Todos estes conteúdos, a partir do relato dos entrevistados, revelaram seu viés traumático e de forte carga afetiva. A Psicologia Analítica reconhece que o inconsciente pessoal é formado por complexos. Todo complexo possui uma energia própria, sendo capaz de exercer influência sobre a consciência quando se está energicamente carregado. As experiências da vida do sujeito, quando estimulam suficientemente um complexo, deixam o ego refém de uma força superior à sua própria vontade, levando o sujeito a ter reações emocionais e físicas que não teria usualmente (Jung, 2022 [1935]).

Os sofrimentos relatados pelos participantes, evidenciam emoções que surgiram na consciência frente à vivência da mediundade. Pode-se suscitar que essas emoções indesejadas são fruto de complexos suficientemente energizados que se revelaram na consciência por meio da frustração, medo e insegurança. Os eventos mediúnicos que ocorreram na infância dos participantes carregam uma forte carga afetiva, o que foi relatado por eles próprios. Cada uma destas vivências vai deixando resquícios no inconsciente que vão se associando a complexos de temática correspondentes. A reatualização destas vivências no decorrer da vida vai carregando os complexos de energia, os quais conseguem se manifestar na consciência quando estão devidamente energizados (Stein, 2006). Nesse âmbito, pode-se sugerir que as emoções descritas pelos entrevistados na infância podem se correlacionar com tal dinâmica psíquica.

Essas emoções relatadas se apaziguaram quando os entrevistados entraram em contato com o estudo e a prática da doutrina espírita, a qual forneceu-lhes uma explicação sobre o que lhes ocorria. Diante disso, pode-se compreender que tais complexos se desenergizaram, uma vez que o sujeito foi capaz de ir conferindo significado e sentido ao que viveu. As experiências de viés traumático puderam ser compreendidas de outra forma, e a energia psíquica foi direcionada para outros conteúdos.

Apesar dessa resolução, Igor e Lara relatam que as dificuldades em relação à mediundade surgiram de outras maneiras no decorrer de suas vidas. No caso de Igor, ele conta sobre ter precisado se afastar da doutrina espírita por 6 meses, devido à compromissos profissionais. Nesse recorte, ele conta sobre passar por um processo de turbulência interna forte, em detrimento de um processo de obsessão. Em decorrência disso, ele precisou ir para o tratamento espiritual da casa espírita e, em seu cotidiano, começou a estudar constantemente, como ele mesmo trouxe:

“É...na minha vida profissional também, eu fiz uma coisa que a gente chama de esgotamento do obsessor. Então, toda vez que ele se aproximava de mim, eu tava lendo, eu estava ouvindo palestras do Haroldo Dutra Dias. Eu tava orando, enfim, eu estava no centro espírita, então aí ele pensou comigo não, mas que

coisa né? Eu não consigo chegar nesse cara mais” (Igor).

Na compreensão de Igor, o estudo e vigilância constantes poderiam auxiliá-lo não só a se proteger das influências mal intencionadas de seu obsessor, mas também como uma forma de ajudar tal espírito a apreender os ensinamentos que o próprio Igor estava obtendo pelo estudo. De acordo com ele, tal processo se desencadeou de forma bem sucedida:

“É até chegar até chegar o eu esgotei ele até chegar ao ponto de que não eu, eu também preciso disso, já que ele buscou, é o amparo dele, eu também vou buscar o meu. Então eu vi, né, os amigos espirituais colocando ele na maca, eu tirei o chapéu dele, deu um beijo na testa dele, né? Ele não, vai com Deus, eu te entendo, também estive assim, mas que é daqui pra frente a gente vai se ajudar muito. Então, ele está sendo tratado no plano espiritual agora, né? E eu, e eu é que assim, mudou de água para o vinho” (Igor).

De acordo com o depoimento de Igor, o sofrimento vivenciado pela obsessão teve uma resolução positiva tanto para ele, como também para o espírito obsessor, o qual foi amparado. O sofrimento vivenciado nesse recorte teve como consequência uma transformação, o que ele reconhece em sua fala: *“E eu, e eu é que assim, mudou de água para o vinho”*.

A partir disso, faz-se necessário ampliar a dificuldade que Igor enfrentou diante do afastamento do espiritismo. Em termos da dinâmica psíquica, Jung ressalta que a busca por um princípio espiritual ou religioso é quase instintivo, devido ao seu cunho arquetípico (Jung, 2013 [1934]). Na situação descrita, pode-se propor que o afastamento de Igor em relação às atividades religiosas também interpôs uma barreira neste potencial que é inerente. A psique, neste momento, ficou unilateralmente concentrada em ocupações profissionais (racionais), deixando de lado este potencial irracional que a mente humana possui. A energia psíquica que antes era destinada a atividades de cunho religioso obteve um atravancamento, e, neste recorte, pode ter ido energizar outros conteúdos, até então, adormecidos. A turbulência interna relatada por Igor pode ser uma evidência desse desequilíbrio psíquico gerado por uma psique que, por um período, ficou focalizada em conteúdos estritamente racionais. Com o retorno às atividades religiosas, os potenciais arquetípicos de cunho religioso/espiritual puderam ir encontrando vazão, e a psique, a qual é autoregulatória, pôde ir reestabelecendo seu equilíbrio, o que ele conta ao relatar a sua transformação.

Na situação de Lara, o sofrimento veio em decorrência de um período de 7 meses que precisou se hospedar na casa de amigos, porque estava se mudando. Ela conta sobre a presença de alguns espíritos desencarnados que viviam nesta casa e que não gostaram

da presença dela e de suas duas filhas. Diante disso, alguns eventos começaram a acontecer, como o sonambulismo de sua filha mais nova. Em seu relato, Lara conta sobre sua mediunidade ficar desregulada neste período, visto que ela apenas se permitia enxergar espíritos dentro da casa espírita, e, ao ir para a casa de seus amigos, ela começou a ver estas figuras fora deste contexto.

“Mas, por exemplo, recentemente eu fiquei hospedada numa casa que era uma casa que tinha algumas figuras espirituais à noite, então eu tive alguns... (riu) à noite não, durante durante o dia todo. Por exemplo, eu tava estudando, tava trabalhando, eu percebia... mas assim, umas 2 ou 3 noites, na hora de dormir, aí sim eu tive vidência, que é uma coisa que eu não deixo acontecer, eu deixo pro pro trabalho mediúnico. Mas assim eu encontrei na porta do meu quarto 3 vezes. E uma, um desejo de que a gente fosse logo embora, tanto que eu to em hotel agora (riu). Um desejo incrível de que a gente fosse embora e foi foi assim, e, e foram acontecendo situações dentro da casa que levavam a a ir embora” (Lara).

A partir destas dificuldades, ela iniciou o tratamento espiritual na casa espírita e também precisou sair da casa e ir para um hotel. Tal fato demonstra que, apesar de ela frequentar o estudo espírita e ter moldado a sua mediunidade, ela ainda vivencia dificuldades no seu cotidiano em alguns momentos.

Nesse âmbito, resgata-se o estudo de Martinez (2020), em que ele destrincha a possibilidade da mediunidade acarretar sofrimentos para o sujeito que a vivencia. Lara, ainda que atribua um significado à sua experiência e a vivencie como parte integrante da sua vida, relata passar por momentos de dificuldade. Da mesma forma, os outros dois participantes mencionaram processos de sofrimento e receio em detrimento das suas faculdades mediúnicas, mesmo que eles já tenham estabelecido uma compreensão e manejo em relação a elas. Diante disso, os três casos reincidentem sobre o fato da mediunidade poder causar sofrimentos, ressaltando-se a relevância de se ampliar o arcabouço científico nesta temática.

e) Situações de bem-estar

Assim como Martinez (2020) propôs, foi possível observar nas entrevistas que a vivência da mediunidade também trouxe consigo a promoção de bem-estar e crescimentos pessoais.

Todos os participantes trouxeram a mediunidade como uma forma de trabalho para o auxílio de outros espíritos (encarnados ou desencarnados). Conforme fora mencionado anteriormente, esta visão está atrelada ao princípio da alteridade, a qual auxilia no estabelecimento de um modo de ser não centrado no ego. Imbricado a esta

possibilidade, estava a satisfação pessoal e bem-estar dos participantes em terem a oportunidade de fazer algo bom para o próximo.

“Mas é... Me permitiu assim aprender coisas importantíssimas com pessoas que precisavam de muita ajuda. E me educou em muitas coisas, né? Assim, como é que eu tenho que ver a minha vida? Como é que eu vivo a minha vida pra pra chegar lá do outro lado bem, pra chegar com saúde mental, pra chegar é sendo útil. Então é uma eu acho que é uma forma de você ser útil” (Lara).

Na fala de Lara dá para se notar que a mediunidade trouxe um sentido para sua vida, de ser útil no auxílio do outro. Jung na sua obra Psicologia do Inconsciente (2011 [1916]), destrincha sobre o amanhecer e o entardecer da vida. Até a metade da vida, o ser humano está voltado para o mundo externo, visando cumprir seu objetivo natural que permeia a procriação, obtenção de dinheiro e uma estabilidade social. Ao atingir a metanoia (segunda fase da vida), a psique do sujeito faz um retorno para o seu mundo interno, retomando seus valores e fazendo o reconhecimento de seus contrários (Jung, 2011 [1916]). Assim, Jung (2011 [1916]) postula: “O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si” (p.87).

Lara, aos seus 52 anos, encontra-se nesta segunda fase da vida, que Jung denominou de metanoia. A fala destacada anteriormente demonstra questionamentos que ela faz a si mesma, evidenciando essa retomada ao seu mundo interior por se apropriar deste viés reflexivo típico deste momento da vida. Este processo é fundamental, visto que negá-lo pode gerar neuroses graves e atravancar o desenvolvimento pessoal (Jung, 2011 [1916]). Assim, ressalta-se que o depoimento de Lara demonstra uma entrada funcional neste processo natural da vida e, diante disso, a vivência mediúnica se apresentou, para ela, como uma facilitadora deste momento reflexivo.

Ademais, na entrevista de Igor, ele conta sobre um momento de conforto e emoção que teve diante do falecimento de sua avó.

“Mas é uma situação que é natural da vida. É.... Eu pude perceber ela sendo amparada, né? Lá dentro do cemitério é... A gente fala do desligamento corporal. Eu pude presenciar esse desligamento, né? Eu não vi as pessoas que estavam é... não tive a oportunidade de ver as pessoas que estavam buscando. É aqueles entes queridos desencarnados. Mas eu vi uma tia minha que já desencarnou buscando ela. Então é, foi um momento muito bonito sabe, para mim. Então, para você ver a diferença de quando você esculpe essa mediunidade de quando você não esculpe. É, aos 12, 13 anos eu ouvia as vozes, eu não entendi o que que era eu, simplesmente, ah, coisa da minha cabeça, continua, ah, isso aí não é nada, não vai. E dava, dava problema, né? Agora não, agora eu com a, estudo, com o amparo espiritual, né? Com o desenvolvimento, eu consigo ir além, eu vejo a mais, né? O meu leque de visão de abrangência ficou maior” (Igor).

Paralelamente, Lara também trouxe o processo de adoecimento do seu pai que culminou no seu falecimento.

“Hoje em dia eu eu, volte e meia, por exemplo, eu fiquei muito tempo sem ir, ao, eu cuidando do meu pai, que tava doente, né? É, morava numa casa grande e... Eu percebia muito assim, engraçado, parecia que o quarto do meu pai tinha um túnel do tempo. Ele recebia muitas visitas e uns eram visitas muito boas. É... E aí sim, não que eu visse. Não vi ninguém nessa fase dele. Mas eu tinha muita intuição assim, sentia muita, muitas presenças, é... Então era uma forma também, era muito aconchegante perceber que ele tava se desprendendo, mas que isso não estava acontecendo sem o amparo. É... tinha uma atmosfera muito, muito, muito boa. Dentro do quarto dele. Aonde ele andava ali pela sala, então a gente sentia isso é uma experiência de você poder perceber o que tá acontecendo, uma pessoa que está se desprendendo, que tem algum delírio, mas que tem ali, ao mesmo tempo, pessoas que estão chegando aí, de vez em quando ele falava, quem é essa menina em cima dessa mesa? Aí eu conversava com ele... então, assim, isso foi muito legal” (Lara).

Os depoimentos de Igor e Lara evidenciam uma oportunidade positiva que eles tiveram a partir da vivência mediúnica. O luto proveniente da perda de um ente querido, ainda mais nos meses subsequentes, é um processo árduo e que pode até mesmo provocar doenças psicossomáticas (Pacheco, 2011). O que se evidencia, nos dois casos, é uma aceitação maior da morte, tendo em vista que, pela mediunidade, percebiam seus familiares sendo amparados por espíritos desencarnados. Mais uma vez, se retoma que a proposta da presente pesquisa não é validar ou desvalidar as experiências dos participantes, mas abarcar os atravessamentos que os eventos tiveram na sua vida.

Nesse cenário, o que se observa na fala dos participantes não é um processo de negação e conflito com o falecimento de pessoas queridas. Mas, se evidencia uma aceitação de um processo que é natural da vida, como Igor mesmo traz em sua fala. Lara relata que foi aconchegante perceber a presença de uma atmosfera positiva no quarto de seu pai, o que foi um amparo para ela frente ao processo de adoecimento dele.

Na doutrina espírita, existe o entendimento de que a morte não é o fim, visto que o espírito é eterno e passa por inúmeras reencarnações (Kardec, 2016 [1861]). Apesar de não ser um elemento diretamente expresso na fala dos participantes, pode-se suscitar que a compreensão que eles têm sobre a morte não ser o fim, pode ter sido também um conforto para este processo de luto. Conforme já foi explicitado anteriormente, a busca por um sentido da vida é um potencial arquetípico inerente ao ser humano (Jung, 2013 [1934]). O encontro com este significado da morte, fornecido pela doutrina espírita, pode ter sido capaz, no caso dos participantes, de acalentar o

sofrimento provocado pela perda de uma pessoa querida.

Outro aspecto a se considerar tange a intuição relatada por Lara, a qual, segundo ela, vem em detrimento da sua faculdade mediúnica. Na entrevista, ela conta que é jornalista e trabalha com política, relações governamentais e gestões de crise. Durante seu trabalho, ela conta que, em muitos momentos, se deixa divagar e seguir sua intuição:

“Esse estado de... sabe esse estado em que você, você se exercita pra pra, entendendo que existem dois mundos funcionando. Muitas vezes a minha eu eu permito mesmo a minha intuição, aí lembrando a outra mediunidade é a intuição, né? É... eu permito que a minha intuição me leve a buscar algo diferente pra solucionar uma questão. Então as pessoas vão dizer “Ah, ela é muito criativa e pela criatividade, ela ela resolve”. Não, é. Muitas vezes eu to dentro do Congresso Nacional e me deixo andar, nessa andada que eu dou eu encontro a pessoa que eu preciso ou alguém me conta informação que faz a diferença pro o meu cliente. É... Então esse esse se permitir acreditar na intuição, ele veio muito deu aprender que sim, eu tenho uma intuição que ela é importante, que se bem usada, usada pro bem, eu vou ser auxiliada. Então isso eu me permito muitas vezes me perde, que pessoas objetivas vão falar: traço um plano, um horário. Não, não. Muitas vezes eu me deixo me perder, divagar, para ver outras coisas. E aí as pessoas às vezes não entendem muito bem como é que isso funciona, porque elas não vão entender como é que isso funciona. Mas é assim, eu deixo a intui, a intuição muitas vezes me ajudar a resolver problema” (Lara).

Jung, a partir de diversas constatações empíricas durante sua vida, se debruçou no estudo de eventos, que em uma lógica causal, não haveria qualquer explicação. Ele constatou situações de simultaneidade entre eventos psíquicos e físicos, os quais pensando em um universo aleatório, seriam estatisticamente improváveis. Diante disso, ele formulou o conceito da sincronicidade, a qual se configura como uma coincidência significativa, sem haver qualquer explicação causal para a sua ocorrência. Ele ressalta que os arquétipos são os verdadeiros operadores de tais eventos, os quais possuem a propriedade da transgressividade. Ao mesmo tempo que o arquétipo é psíquico, ele também não o é, sendo capaz de orquestrar coincidências sincronísticas (Jung, 2018 [1951]). Tais eventos ocorrem de maneira mais frequente quando a consciência está rebaixada, por exemplo, em sonhos e devaneios. Para o sujeito que experencia, pode suscitar transformações e o encaminhamento para novas direções (Stein, 2006).

Ao observar o relato de Lara, dá pra se traçar um paralelo com a sincronicidade descrita por Jung. Ela conta sobre se deixar divagar, perder em si mesma, o que reflete este rebaixamento da consciência. Quando o realiza, ela é, muitas vezes, encaminhada para o encontro de algo que precisava para solucionar alguma questão, como uma pessoa que lhe fornece uma informação importante. Este processo descrito por ela de

se deixar devanear e seguir a intuição remonta a sincronicidade descrita por Jung, visto que reflete a coincidência significativa entre um evento interno e externo.

Igor também descreve que a intuição teve uma forte presença na sua infância, apesar de não tê-la seguido sempre neste período. Em seu discurso, ele reconhece que, se tivesse seguido tais vozes internas, ele poderia ter tomado decisões diferentes na sua vida: *“Teve assim igual eu te falei algumas questões de tomadas de decisões na minha vida que é, eu poderia ter tomado diferente, né, se eu tivesse ouvido essa voz”*.

Paralelamente, Igor também conta sobre, em determinados momentos, intuir que deveria falar algo para uma pessoa em específico, apesar de não saber a origem de tal pensamento e nem o porquê deveria falá-lo.

“É, então eu estou aqui, parado em casa e vamos supor, não está acontecendo isso, mas do nada vem, olha, fala para ela isso, isso isso pronto aí eu falo para pessoa, a pessoa nossa, sério, mas é que eu tenho um irmão que faleceu por conta disso, entendeu? E ele me falava isso. Então, isso é uma coisa muito suave, sabe?”(Igor)

A Psicologia Analítica considera a intuição como uma das quatro funções ectopsíquicas (sentimento, pensamento, intuição e sensação). O próprio Jung teve dificuldade em descrevê-la, visto que ela carrega uma espécie de miraculosidade. Segundo ele, a intuição se caracteriza por uma função psíquica capaz de antever eventos, sendo que tal tipo de percepção não se passa exatamente pelos sentidos, mas registra-se a nível inconsciente (Jung, 2022 [1935]). Na entrevista de Lara e Igor eles ressaltaram a presença e a relevância da intuição no direcionamento de suas vidas, a qual, segundo eles, surge como fruto da sua mediunidade.

Para futuras pesquisas, vale investigar se estas pessoas que vivenciam a intuição como parte da sua mediunidade, também não a possuem como função ectopsíquica primária. A proposta de estudo não se põe como forma de desvalidar as experiências dos participantes, mas de ampliar o arcabouço de conhecimento científico a respeito de fenômenos ainda muito insondados.

Nos relatos apresentados, evidencia-se que os participantes se ampararam na própria crença para o enfrentamento de situações de sofrimento e dificuldade. A literatura científica aponta o *coping* religioso-espiritual como o uso da religião, espiritualidade e/ou fé para ajudar a manejar situações de estresse (Panzini; Bandeira, 2007). Apesar deste conceito não estar atrelado especificamente à Psicologia Analítica, vale a pena mencioná-lo, uma vez que ele pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas com a mediunidade. Diante disso, entende-se que, a partir do conceito

de *coping* religioso-espiritual, o indivíduo pode adotar estratégias positivas ou negativas, as quais resultarão em uma forma produtiva ou não de enfrentar qualquer desafio (Strelhow; Sarriera, 2018). Os relatos indicaram que os participantes recorreram às vivências mediúnicas e espirituais para lidar com situações difíceis da vida – seja no luto, seja em momentos do trabalho. Nas situações descritas, este *coping* religioso-espiritual suscitou um melhor atravessamento das dificuldades vivenciadas, promovendo bem-estar. Diante disso, comprehende-se que, para os participantes descritos, a experiência com a mediunidade e a doutrina espírita foi um alicerce positivo capaz de ajudá-los no enfrentamento de períodos difíceis.

5 CONCLUSÃO

No viés científico, as experiências anômalas (EAs) são descritas como vivências que destoam da realidade que é socialmente aceita - explicadas na introdução do estudo (Cardeña et al., 2013). É importante considerá-las como forma de adentrar na temática central da pesquisa, a mediunidade. Esta última consiste no termo que algumas religiões utilizam para designar as EAs, sendo que, no caso da mediunidade, há o entendimento de que existe o intercâmbio com espíritos. Entre estas religiões, encontra-se a doutrina espírita, a qual foi escolhida para abarcar o entendimento dado ao fenômeno mediúnico.

Para investigação, embasou-se nas considerações de Zangari e Machado (2022), as quais remontam uma forma diferente de compreender os fenômenos. A proposta não foi desvalidar ou validar as experiências mediúnicas, mas identificar os atravessamentos que esta crença possui na vida do sujeito.

A Psicologia Analítica aparece como uma vertente da Psicologia que reconhece a relevância da espiritualidade na vida do indivíduo. Tal valorização não coincide com as visões e dogmas dos contextos religiosos, mas sim do entendimento que a busca pelo sentido de existir é algo inerente ao ser humano, atrelado a uma dimensão espiritual (Jung, 2013 [1934]). Nesse cenário, a religião pode ou não se enquadrar. Caso não promova a inibição da vida, ela se torna uma experiência vitalizadora, podendo fornecer sentido em períodos de crises existenciais (Monteiro, 2006).

O presente estudo se amparou em três entrevistas semiestruturas para investigar como adultos que vivenciaram a mediunidade na infância significaram as suas vivências até os dias atuais. A partir disso, buscou-se identificar os contextos, significados, possíveis redes de apoio e vivências de sofrimento e bem-estar correlacionados com as vivências mediúnicas.

A partir da ampliação simbólica e da articulação dos relatos com conceitos da Psicologia Analítica, foi possível evidenciar elementos relevantes que podem ser um alicerce para como se trabalhar esta temática, caso ela surja para o psicólogo em seus diferentes contextos de atuação. Nos relatos, o contexto surgiu como um elemento relevante no processo de significação e compreensão do fenômeno vivenciado. O suporte fornecido pelo grupo religioso apareceu como um elemento favorável para o enfrentamento das dificuldades atreladas à mediunidade, reafirmando o resultado da pesquisa realizada por De Oliveira Maraldi *et.al* (2023). A mediunidade apareceu como uma ferramenta de trabalho para o auxílio de outras pessoas, tendo em cada caso, seus significados

subjetivos. Tal visão penetra no conceito de alteridade, a qual pode suscitar um modo de ser não centrado no ego.

Diversas dificuldades e transformações se consequenciaram da experiência mediúnica, o que ressaltou a imprenscindibilidade de uma rede de apoio. Nesse cenário, a família apareceu como um apoio fundamental durante a infância, período que os fenômenos mediúnicos se iniciaram. Nesta fase da vida, os participantes relataram um sofrimento relevante, o qual se estendeu até o momento em que conseguiram aprender a moldar sua mediunidade. Diante disso, traçou-se um paralelo com o processo iniciático dos xamãs, que se trata de um período de resistência, treinamento e aprendizado, para que possam exercer a função de curadores. Paralelamente, identificou-se um diálogo entre o arquétipo do curador-ferido (representado pela figura de Quiron) e a forma com que os participantes enxergavam sua relação com a faculdade mediúnica. Ademais, foi possível realizar associações entre a jornada do herói e as vivências mediúnicas dos participantes, as quais foram permeadas por conflitos e uma transformação final.

Diversos sofrimentos apareceram durante a vida dos sujeitos em relação à mediunidade, o que denota a relevância que um psicólogo sensível sobre esta temática poderia ter para acolher e auxiliar suas demandas. O fenômeno mediúnico foi relatado como um facilitador do crescimento pessoal, possibilitando a empatia e a convivência mais positiva com os desafios da vida. Para uma das participantes, a mediunidade auxiliou a realizar uma entrada funcional na segunda fase da vida (metanoia), a qual se desvela como um período reflexivo e de retomada ao seu interior. Além disso, em algumas das experiências mediúnicas desta entrevistada, identificou-se um paralelo com o fenômeno da sincronicidade descrito por Jung.

Apesar de não ser um conceito da Psicologia Analítica, adentrou-se no fato de que, para dois dos participantes, o amparo nas próprias crenças para o enfrentamento das dificuldades evidenciou o estabelecimento de um *coping* religioso-espiritual positivo, uma vez que promoveu o bem-estar de ambos.

A temática abordada nesta pesquisa enfrenta uma escassez bibliográfica relevante. No território brasileiro, existe uma diversidade étnico-religiosa abrangente, a qual, neste caso, não é refletida no arcabouço científico da Psicologia. Na história desta área profissional, encontramos um silenciamento sobre a temática desta pesquisa, apesar de grandes figuras como Freud e Jung já terem se debruçado por um tempo no estudo destes fenômenos – o que foi aprofundado na introdução do trabalho. Neste âmbito, esta pesquisa

vêm somar para a construção de uma literatura científica cada vez mais plural e abrangente, a qual não deve se abster de tratar de assuntos considerados fronteiriços, entretanto, prevalentes nas vivências humanas.

Ressalta-se que a Psicologia não deve atuar como validadora ou desvalidadora dos fenômenos mediúnicos, mas perceber a legitimidade e importância que aquela crença tem na vida do próprio paciente, acolhendo suas dificuldades e crescimentos pessoais (Zangari; Machado, 2022). Os relatos analisados reincidem sobre a necessidade do psicólogo se apropriar destas temáticas fronteiriças a partir de um olhar sem julgamentos e pré-concepções. As dificuldades vivenciadas se demonstraram relevantes e a presença de um psicólogo capaz de acolher estas demandas a partir de uma atitude neutra pode suscitar desenvolvimentos fundamentais para o sujeito que procura a terapia. A partir da prevalência encontrada na bibliografia científica de pessoas que vivenciam as EAs (Machado, 2009), a presente pesquisa contribui com conhecimentos que podem auxiliar os psicólogos com importantes fundamentos para quando se deparam com casos similares em seus consultórios ou outros contextos de atuação.

Diante disso, o ambiente terapêutico pode ser um local frutífero para trabalhar todas as implicações que atravessam a vida do sujeito que acredita em alguma doutrina religiosa e, especificamente, vivencia a mediunidade. A proposta deve abranger os significados que as experiências possuem para o próprio paciente e os processos de sofrimento e bem-estar suscitados em sua vida. A Psicologia Analítica, frente ao seu reconhecimento da espiritualidade como parte integrante do ser humano, requere que tais temáticas sejam estudadas e trabalhadas. Uma conduta ética da própria Psicologia, deve coincidir com um reconhecimento e estudo destas temáticas insondadas, para que tais pessoas também sejam contempladas com um trabalho terapêutico embasado e congruente.

Uma limitação do estudo refere-se à dificuldade encontrada para entrevistar sujeitos presencialmente, tendo em vista a distância geográfica. Uma coleta de dados presencial, poderia ter trazido um maior enriquecimento para o material coletado pela entrevistadora. Ainda assim, não se evidencia um comprometimento dos conteúdos coletados de forma *online*, visto que surgiram relatos abrangentes e com bastante vivacidade. Ademais, como os fenômenos se iniciaram na fase infantil, reconhece-se alguns eventos e sentimentos atrelados às vivências podem não ter sido relatados pelas limitações da memória. Neste sentido, realizar uma entrevista com crianças que vivenciam a mediunidade no período atual, poderia ampliar e enriquecer a compreensão do tema.

Como sugestão, ainda, retoma-se o caso de dois participantes que tinham a intuição como parte da sua mediunidade. Diante disso, realizar uma investigação sobre a função ectopsíquica primária de indivíduos que possuem tal mediunidade pode ser uma via enriquecedora, tendo em vista a necessidade de ampliar o conhecimento sobre um tema ainda muito insondado pela Psicologia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alexander Moreira de; LOTUFO NETO, Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), v. 31, p. 132-141, 2004.
- ALVARADO, Carlos S. Experiências Fora do Corpo. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). *Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas*. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 139- 166.
- ALVES, Diana. O emocional e o social na idade escolar: Uma abordagem dos preditores da aceitação pelos pares. 2006.
- ANTONIO, Carlos; GUIMARÃES, Fragoso. **Carl Gustav Jung e os fenômenos psíquicos**. 3. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2020.
- ARRIBAS, C. D. G. (2008). Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- BAIRRÃO, J. F. M. H. et al. Psicologia e práticas espirituais: Diálogos e fronteiras. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais: práticas e técnicas, v. 2, p. 21-28, 2016.
- BENTALL, Richard P. Experiências Alucinatórias. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). *Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas*. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 63-89.
- BRANDÃO, J. S. (1987) *Mitologia grega* (Vol. III). Petrópolis: Vozes.
- CAMPBELL, J. O herói de mil faces.(AU Sobral, Trad.). 2007.
- CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley. *Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas*. São Paulo: Atheneu, 2013.
- CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley. Experiências Anômalas em Perspectiva. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). *Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas*. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 1-15.
- CHAGAS, Camila et al. Religious and secular spirituality: Methodological implications of definitions for health research. *Explore*, v. 19, n. 1, p. 6-13, 2023.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. *Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais: Práticas e Técnicas – Volume 2* / Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP - SP, 2016.
- DE CASTRO, Elaine; DE OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. *Entretextos*, v. 22, n. 3, p. 25-45, 2022.

DE OLIVEIRA MARALDI, Everton et al. Experiências anômalas e dissociativas em contexto religioso: Uma abordagem autoetnográfica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 24, n. 3, p. 147-161, 2018.

DE OLIVEIRA MARALDI, Everton et al. Social support, help-seeking behaviors, and positive/negative affect among individuals reporting mediumship experiences. *International Journal of Latin American Religions*, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2023.

DE SOUSA, José Raul; DOS SANTOS, Simone Cabral Marinho. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e debate em Educação*, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. 2013.

DOS SANTOS, Alexa Fagundes; DE JESUS, Gabrieli Guterres; BATTISTI, Isabel Koltermann. Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. *Salão do Conhecimento*, v. 7, n. 7, 2021.

GREYSON, Bruce. Experiências de Quase Morte. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). *Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas*. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 241-270.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, v. 2, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População residente por religião, 2010. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 27 maio 2024.

JUNG, Carl Gustav. AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. [1954]. (trad) Dom Mateus Ramalho. 2008.

JUNG, Carl Gustav. Estudos psiquiátricos [1906]. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. O desenvolvimento da personalidade. [1934]. Editora Vozes Limitada, 2013

JUNG, Carl G. et al. O homem e seus símbolos. [1964]. HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, Carl Gustav. Os fundamentos da psicologia analítica: As Conferências de Tavistock. [1935]. Editora Vozes, 2022.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia do inconsciente. [1916]. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e religião. [1938]. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Sincronicidade vol. 8/3.[1951]. Editora Vozes Limitada, 2018.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns: Guia dos médiuns e dos evocadores. [1861]. Petit Editora, 2016.

LABERGE, Stephen; GACKENBACH, Jayne. O sonhar lúcido. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 113- 138.

LEITE, I. A. S. (2016). As ciências da psique no espiritismo brasileiro: C. 1900-C. 1960 (Doctoral dissertation).

LEWGOY, B. (2008). A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião & Sociedade*, 28, 84-104.

MACHADO, Fátima Regina. Experiências anômalas na vida cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARALDI, Everton de Oliveira. Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARALDI, Everton de Oliveira; ZANGARI, Wellington. A psicologia frente às práticas mediúnicas: da perspectiva patológica à perspectiva psicossocial. *Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais: Práticas e Técnicas*: v. 2, 2016.

MARTINEZ, Mateus Donia. Dissociação e Medium (idade) na Infância: um estudo exploratório a partir da perspectiva psicossocial. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARTINEZ, Mateus Donia et al. Religião, Espiritualidade e Saúde: uma Exploração Histórico-conceitual na Psicologia Analítica, 2019.

MENEZES JR, Adair; ALMINHANA, Letícia; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), v. 39, p. 203-207, 2012.

MILLS, Antonia; LYNN; Steven Jay. Experiências de Vidas Passadas. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 217- 240.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. Espiritualidade e finitude: aspectos psicológicos. São Paulo (SP): Paulus, 2006.

NASI, Maria Teresa Corbucci Caldeira et al. Representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos. 2016.

NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. O curador ferido: xamanismo e psicologia

- analítica. Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo, v. 1, 2016.
- NEUMANN, E. A criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. [s.l.]. São Paulo, Cultrix, 1995
- PACHECO, Bernardete et al. Memórias, sonhos e símbolos de um processo de luto. 2011.
- PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 34, p. 126-135, 2007.
- PENNA, Eloisa Marques Damasco. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004.
- PENNA, Eloisa. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. Psicologia USP, v. 16, p. 71-94, 2005.
- PENNA, Eloisa Marques Damasco et al. Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. 2009.
- PENNA, E. M. D. (2003). Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- REGO, Rafisa Moscoso Lobato. Quando o sobrenatural gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- STEIN, Murray. Jung-O mapa da alma. Editora Cultrix, 2006.
- STRELHOW, M. R. W.; SARRIERA, J. C. . Coping religioso/espiritual em crianças e adolescentes. In: ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre; SAFRA, Gilberto (org). Psicologia clínica da graduação à pós-graduação. 2018. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018. p. 307-315.
- TARG, Elisabeth; SCHLITZ, Marilyn; IRWIN, Harvey J. Experiências Relacionadas a Psi. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (org). Variedades da Experiência Anômala. Análise de Evidências Científicas. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 167-192.
- TORRES, Camila Mendonça. Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fatima Regina. FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: Aspectos individuais e psicossociais-Coleção: Fundamentos de Psicologia Social. Editora CRV, 2022.

ANEXO 1 – Roteiro semidirigido Maraldi 2011

- a) Como surgiu a sua mediunidade? **(Ou)** Quais os seus primeiros sinais de mediunidade? **(Ou)** Como descobriu que era médium?
- b) Quais as vivências paranormais e mediúnicas pelas quais você já passou e qual a sua forma de mediunidade predominante (incorporação/psicofonia, psicografia, efeitos físicos, de cura etc.)?
- c) Qual foi o impacto dessas experiências (paranormais/mediúnicas) na sua vida? Você poderia me descrever algumas situações para ilustrar isso?
- d) Como essas experiências afetaram a sua maneira de enxergar a si mesmo(a)? E quanto à maneira das outras pessoas te enxergarem? **(Ou)** Como você se via antes de descobrir que era médium (ou de se tornar médium) e como passou a se ver depois? E as outras pessoas?
- e) No que você considera que a doutrina espírita lhe ajudou em relação às suas vivências paranormais/mediúnicas? E, nesse sentido, qual a contribuição deste centro espírita? O que significa para você ser médium neste grupo? E fora dele?
- f) Em algum momento de sua vida, você chegou a sofrer alguma forma de discriminação ou constrangimento por ser médium ou por ter vivenciado experiências mediúnicas? Como aconteceu? Quais sensações, sentimentos lhe ocorreram diante disso?
- g) Qual a sua relação com os espíritos/entidades que se comunicam por seu intermédio? Como foi o primeiro contato com esses espíritos e como eles o(a) abordaram? Como eles são? **(Ou)** Você poderia descrevê-los? (modo de se apresentar, seus comportamentos, o grau de interação que estabelecem entre eles e com você etc.).
- h) O que você sente enquanto trabalha como médium? Você percebe os acontecimentos à sua volta e consegue lembrar-se de alguma coisa que disse ou que escreveu, após ter psicografado etc.?
- i) Sua educação religiosa foi sempre a espírita ou você foi educado(a) em outra religião? **(Ou)** Você recebeu alguma educação religiosa quando criança? Se sim, qual foi?
- j) Você possui parentes espíritas? Qual a influência dos seus parentes (e da escolha religiosa) na maneira como você passou a interpretar suas experiências mediúnicas?
- k) Como você acha que seria sua vida daqui por diante se resolvesse deixar sua

atividade como médium neste ou em qualquer outro centro espírita? **(Ou)** Como se sentiria caso resolvesse abdicar da atividade mediúnica em sua vida? O que faria a partir daí em relação a esse aspecto?

- I) O que lhe vem à mente (sobretudo sentimentos) frente à ideia de que o ser humano é apenas matéria e não espírito? **(Ou)** Como você lida com a ideia de que a mente humana é resultado de processos neurofisiológicos e não espirituais? Quais sentimentos, sensações ou reflexões lhe surgem diante dessa ideia?

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado a participar de um estudo denominado: “O significado atribuído por adultos a vivências de mediunidade na infância: uma análise a partir da Psicologia Analítica”. O objetivo é realizar uma investigação sobre como adultos que vivenciaram a mediunidade durante a infância significam suas vivências até os dias atuais, a partir da coleta de dados realizada por meio de uma entrevista.

Esta pesquisa cumpre as exigências referentes ao sigilo e aspectos éticos conforme instituído na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisa envolvendo seres humanos.

O instrumento de realização será uma entrevista semiestruturada, a qual seguirá os princípios científicos éticos adequados. Tal modelo de entrevista consiste em um diálogo, em que a pesquisadora contará com um roteiro de perguntas previamente organizado, que pode sofrer modificações durante a aplicação, caso seja necessário.

Dado o caráter privado das informações da entrevista, este termo assegura o sigilo quanto a sua identidade, sendo adotado nomes fictícios no momento de análise do trabalho. O conteúdo sonoro da entrevista será gravado e transscrito, com a finalidade de dar apreciação fiel de seu conteúdo, sendo mantido protegido por um período de 5 (cinco) anos pela pesquisadora em um *drive* seguro.

Quaisquer danos previsíveis serão evitados e serão mantido o respeito e a privacidade durante a coleta e análise de dados. A forma de coleta poderá ser tanto *online*, como presencial de acordo com a opção que ficar melhor para você. No primeiro caso, a realização da entrevista ocorrerá em uma plataforma que você tenha familiaridade. Na modalidade presencial, se pensará em um ambiente confortável, seguro e de fácil acesso para a realização do procedimento de pesquisa, nos comprometendo com o seu bem-estar.

Durante a entrevista, você pode se sentir desconfortável em responder algumas perguntas. Neste caso, você pode optar por não respondê-las, pausar a entrevista e

recomeçar em outro dia, ou desistir da sua participação sem sofrer qualquer penalidade. Em todo o processo, nos comprometemos a fornecer qualquer assistência necessária em decorrência dos procedimentos da pesquisa, sempre respeitando a sua decisão.

Esta pesquisa não oferece compensação financeira ou benefício direto pela participação. Assim, pode abandoná-la se assim o desejar, sem sofrer qualquer prejuízo. Quaisquer despesas para a coleta de dados serão custeadas pela pesquisadora, não havendo qualquer forma de oneração aos participantes.

Os benefícios do presente estudo somente serão obtidos depois da análise e discussão dos dados angariados. Diante da escassez científica a respeito da temática, os resultados poderão complementar na investigação de como a experiência e mediunidade infantil impacta e é significada pelos sujeitos que a vivenciaram. A partir disso, nos comprometemos em garantir o máximo de benefícios possíveis.

O contato com os resultados deste trabalho, bem como qualquer dúvida durante o andamento da pesquisa, poderão ser obtidos entrando em contato com a pesquisadora Maria Luisa Lara Lafetá pelo e-mail:xxxxxxxxxxxxxx@gmail.com

Vale reiterar que o sigilo será respeitado, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma maneira, te identificar.

Os responsáveis pelo presente projeto são a aluna de graduação Maria Luisa Lara Lafetá e a Profª. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, instituição a que estão vinculados em relação à pesquisa. Qualquer dúvida que você tiver poderá ser suprida entrando em contato com a pesquisadora Maria Luisa pelo número de celular: (xx)xxxx-xxxx, ou com a Profa. Miriam pelo número (xx)xxxx-xxxx. Nos comprometemos com a sua assistência durante toda a pesquisa. Garantimos o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais que você possa ter a respeito do trabalho e suas consequências; enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso ocorra algum dano decorrente da sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme está expresso na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde nos itens IV.3 e V.7.

Se houver alguma reclamação, dúvida ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP situado na Rua Ministro Godoi, 969 – sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello no bairro Perdizes (CEP: 05.015-001) na cidade de São Paulo-SP, que possui o telefone

e e-mail, respectivamente: (11) 3670-8466 e cometica@pucsp.br.

São Paulo, _____ de _____ de 2024.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora responsável: Prof^a. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow

Assinatura _____

Aluna pesquisadora: Maria Luisa Lara Lafeta

Assinatura _____

APÊNDICE B– Roteiro da entrevista semiestruturada

- a) Apresentação e informações sociodemográficas:

Nome:

Idade:

Gênero:

Religião:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

Cidade de residência:

- b) Quando e como surgiu a sua mediunidade? Quais os seus primeiros sinais de mediunidade?
- c) Você e seus próximos entendiam os primeiros sinais de mediunidade desta maneira quando se iniciaram? Como descobriu que era médium?
- d) Na infância, que tipo ou tipos de experiências mediúnicas você teve? E ao longo dos anos seguintes até hoje, quais foram as experiências de mediunidade? Quais as características dessa(s) experiência(s)? Quando aconteceram? Atualmente, qual a forma de mediunidade predominante? (efeitos físicos, sensitivos, auditivos, falantes, videntes, sonambúlicos, de cura, pneumatógrafos)?
- e) O que você sentia durante a expressão da sua mediunidade na infância? Essa expressão se modificou no decorrer do tempo? Poderia descrever algumas sensações corporais e a forma que se dava o contato com esses espíritos?
- f) Como você e as pessoas mais próximas de sua convivência receberam a ocorrência desses fenômenos?
- g) Qual foi o impacto dessas experiências mediúnicas na sua infância? Você poderia me descrever algumas situações para ilustrar isso?
- h) Em algum momento da sua infância, você chegou a sofrer alguma forma de discriminação ou constrangimento por ser médium ou por ter vivenciado experiências mediúnicas? Como aconteceu? Quais sensações, sentimentos lhe ocorreram diante disso?
- i) Como as experiências mediúnicas afetaram a sua maneira de enxergar a si

mesmo(a)? E quanto à maneira das outras pessoas te enxergarem?

j) Você teve uma rede de apoio ou suporte social para vivencias e significar essas experiências?

k) Em decorrência da mediunidade, você já vivenciou momentos de sofrimento e/ou de bem-estar? Você poderia me descrever algumas situações para ilustrar isso?

l) Hoje em dia, qual impacto você diria que a vivência da mediunidade na infância exerceu na sua vida?

m) Olhando para as experiências mediúnicas na sua vida e os seus impactos, como você enxerga a presença da mediunidade na sua vida? Qual o sentido atribuído por você a essa vivência diante dos eventos que se sucederam?